

Sumário

Prefácio.....	4
O Que Eu Não Vi.....	6
Uma Noite Exata.....	9
O Último Testemunho.....	13
Os Olhos dos Condenados.....	16
Outro Eu.....	18
Caveira Negra.....	21
A Grelha.....	24
No Lago.....	26
Preço do Sucesso.....	29
Último Grito.....	32
Um Assassino Improvável.....	37
Entre Brilhos e Traições.....	42
Código de Sangue.....	45
Escondido em Plena Vista.....	49
O Resgate de Westmore.....	52
O Farol da Morte.....	55
Belas Almas.....	58
A Máscara de Halloween.....	60
Fios de Desconfiança.....	64
O Último Suspiro de Confiança.....	67
Máscara de Carnaval Pintada.....	71
O Tardar da Justiça.....	75
O Eco do Pentagrama.....	78
A Verdade Sob a Sombra.....	81
A Família Nem Tão Perfeita.....	85
Superstar.....	88
Corações de Liverpool.....	91
Nova Esposa.....	93
Chamadas Misteriosas.....	96
A Floresta Amaldiçoada.....	98
Entre a Sabedoria e o Crime.....	100
O Grito.....	102
A verdade por Trás da Morte.....	105
A Vida Perfeita.....	108
A Porta da Meia-Noite.....	112

Prefácio

É com grande alegria que apresento este livro de contos de mistério, fruto do trabalho criativo dos alunos das turmas Year 7A e 7B da Maple Bear João Pessoa, em 2024. Este projeto é um dos muitos momentos marcantes que tive o prazer de acompanhar neste ano.

Inspirados pelas histórias de Edgar Allan Poe, como *O Gato Preto*, e *As Formigas*, de Lygia Fagundes Telles, os alunos mergulharam no universo da literatura de mistério. Durante esse processo, analisamos os elementos que tornam uma narrativa envolvente: cenários, personagens e o uso habilidoso do tempo e do espaço, características que enriquecem a experiência literária e aproximam os jovens da criação narrativa.

Esse projeto também está em consonância com a **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, especificamente com a habilidade EF67LP30, que incentiva os alunos a "criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto".

O principal objetivo deste projeto foi proporcionar um espaço para que os alunos pudessem explorar sua criatividade, exercitar suas habilidades linguísticas e compartilhar suas ideias. Mais do que escrever, eles aprenderam a estruturar enredos complexos, criar personagens envolventes e inserir-se nas

narrativas como autores. O resultado é uma coletânea variada e repleta de suspense, mistério e imaginação.

Espero que este livro seja apreciado tanto quanto foi prazeroso acompanhar sua construção. Ele representa o talento e o empenho de uma geração que tem muito a dizer e ainda mais a criar.

Boa leitura!

Mr. David Rafael Matias

Professor e Orientador do Projeto

O Que Eu Não Vi

Por Alexandra Dantas

*Que dizer dela? Que dizer da austera consciência, esse
espectro em meu caminho?*

Chamberlain, Pharronida

Sabe o que são aquelas luzinhas lá fora? — meu irmão perguntou, apontando para a janela, perto de sua cama. Eu pensei que ele já estivesse quase dormindo, mas ele sempre foi muito curioso e lutava contra o sono

— São os vagalumes — respondi.

Parece que ele nunca se cansa de perguntar sobre as luzinhas que voam lá fora. Não foi a primeira vez que ele fez essa pergunta. Eu não podia reclamar muito, afinal, ele só tinha sete anos. Levantei-me da cadeira onde estava sentado e olhei para ele novamente.

— Então, boa noite? — perguntei, incerto se ele iria dormir. Estava tarde, e eu também já deveria estar na cama. Mas eu precisava colocar Luca para dormir, já que mamãe já estava descansando.

Fiz um último carinho em seus cabelos cacheados e comecei a caminhar até a porta, para deixá-lo em paz. Foi quando ouvi sua voz de novo, alguns instantes antes de apagar a luz.

— Guto — ele chamou. Virei-me para ele e me aproximei da cama.

— O que foi agora? — perguntei, curioso e um pouco cansado. Queria muito me jogar na cama e dormir.

— Traz um copo de leite pra mim? — pediu.

Ele sempre pedia isso antes de dormir. Ainda assim, estava um pouco contrariado, pois queria ir logo para a cama, mas concordei.

— Tá, eu vou — respondi, dirigindo-me novamente à porta. Antes de sair, avisei: — Mas depois disso, você vai dormir, e eu também. Ok?

Desci as escadas com cuidado para não fazer barulho, mesmo que com pressa. Peguei o copo favorito de Luca, o azul com peixinhos, e o leite na geladeira. Quando fui abrir a garrafa, derramei um pouco nas mãos.

— Droga... — murmurei, indo até a pia para lavar as mãos com detergente. Preparei o leite, aqueci no micro-ondas e voltei para o quarto dele, segurando o copo com cuidado.

Entreguei o leite a Luca, avisando para tomar cuidado com a temperatura, e apaguei a luz.

— Boa noite — desejei.

Fui para o meu quarto, tirei os óculos, e adormeci rapidamente. Acordei só à tarde, estranhando o silêncio. Desci e vi minha mãe conversando com um policial. Lá fora, havia viaturas e uma ambulância. Confuso, me aproximei dela, que estava chorando.

— Quem é você? — o policial perguntou.

— Meu nome é Augusto, sou filho dela. O que aconteceu?

— Seu irmão... Ele faleceu esta madrugada — informou, colocando a mão no meu ombro.

Senti um vazio. Corri para o quarto e me tranquei, tentando dormir novamente, mas não era um sonho. Era real. Mais tarde, o policial me fez perguntas sobre Luca. Quando mencionei que ele era alérgico a várias coisas, notei que o policial ficou atento.

— Detergente — ouvi o policial mencionar ao colega.

Naquele momento, entendi. Eu coloquei detergente no copo de leite. Apressado, não enxaguei direito. O que fiz... matou meu irmão.

Uma Noite Exata

Por Alice Firme

Não peça coerência ao mistério, nem peça lógica ao absurdo.

Fagundes, Lygia

Era por volta das 21h31. Conversava com minha irmã sobre o mesmo assunto de sempre:

- Você sempre veste isso. Por que não usa outra coisa? – falei, cansada.
- Você sabe que eu amo a história da Andy Bell.
- Eu sei, você só fala disso – sussurrei.
- O que você disse?
- Nada não.
- Ok, preciso me arrumar para a festa da Carol.

Carol sempre fazia as maiores festas do ano, apenas para convidados exclusivos, incluindo famosos e os alunos mais populares da escola. Por acaso, a família de Carol era muito amiga da nossa, e Anastasia e Carolina eram melhores amigas. Então, mesmo que minha irmã fosse uma das meninas menos populares do colégio, ela foi convidada.

- Quer ajuda para fazer o famoso penteado da Andy Bell?
- Claro que sim!

Passei uma hora inteira ajudando minha irmã a se arrumar. Rimos, nos divertimos, dançamos. Só de lembrar, já sinto meu coração sorrir.

– Como estou? – ela perguntou aos nossos pais, Elisabeth e Antônio.

– Au! Au! – latiu nosso cachorro, Max, como se também aprovasse o visual.

– Está linda, querida.

– Ainda acho que essa calça rasgada não é apropriada – comentou meu pai, fazendo carinho em Max.

– Pai! – Anastasia riu.

– Quer que eu te leve até lá?

– Preciso responder?

– Claro que não, né? – rimos juntos.

A casa de Carol ficava no mesmo bairro que a nossa, mas, mesmo assim, eu sempre levava minha irmã de carro. Sinceramente, nunca entendi por que ela ia a essas festas, já que não tinha muitos amigos, exceto Carol. A viagem levou exatamente 21 minutos e 37 segundos.

– Não vou poder te buscar, então vê se consegue carona na festa, tá bom? E toma este chá para o seu estômago. Foi a mamãe que pediu.

– Tá bom, beijos, tchau!

O tempo passou: uma, duas, três, quatro e cinco horas, e, por algum motivo, decidi preparar uma surpresa para minha irmã. Depois de mais 1 hora e 34 segundos...

– Isabela? Mãe? Pai? Alguém? – chamou Anastasia ao abrir a porta. Ela subiu para o quarto e encontrou um bilhete sobre a

mesa que dizia: "Quer jogar pique-esconde comigo? Vá se esconder!"

– Quero sim – respondeu animada. Ela correu para se esconder, e meu sorriso aumentou. Comecei a contar: 1, 2, 3... 98, 99, 100. Pronta ou não, lá vou eu!

Procurei em toda parte, até que, no final do corredor, vi um pequeno armário que meu avô havia talhado em madeira para minha mãe antes de morrer. Abri o armário com a tesoura na mão esquerda e disse:

– Achei você – sorri, com um olhar aterrorizante.

– Haha, você me achou! Estou meio zonzinha, acho que vou dormir – disse ela, saindo do armário.

– Cala a boca! – gritei, empurrando-a para o chão.

– O que você está fazendo, garota? – Ela tentou se levantar, mas me ajoelhei ao seu lado, ainda com a tesoura na mão esquerda, e comecei a cortar suas pernas. Ela lutava para gritar.

– Para com isso! SOCORRO! SOCORRO! O que está acontecendo comigo?

– Sabe o chá que eu te dei para o "estômago"? Ele tinha boa noite Cinderela, querida – revelei, observando-a enfraquecer a cada segundo que passava.

– É a mesma droga da...

– Andy Bell, eu sei. Você fala tanto dessa história que decidi mostrar para você como é de verdade, no seu feriado preferido.

– Você é louca – sussurrou, quase sem forças.

– Talvez... Quem sabe? – subi sobre ela e posicionei a tesoura em sua cabeça, pronta para acabar com tudo, mas...

– INHO INHO INHO – ouvi as sirenes da polícia. Fui até a janela e vi os vizinhos observando também. Naquele momento, soube que eles haviam chamado a polícia.

Os policiais chegaram, mas, antes de ser levada, consegui arranhar o braço da minha irmã. Meus pais estavam aterrorizados, minha irmã estava drogada, Max latia sem parar, e eu, com as mãos cheias de sangue, entrei na viatura. Os vizinhos me olhavam, e a casa estava coberta de sangue no corredor.

Se você quer saber, minha irmã, meus pais e Max estão traumatizados, mas tentando seguir em frente. Minha irmã saiu do hospital há alguns meses, após semanas de recuperação. E eu? Estou aqui, no lugar onde finalmente tenho tempo para mim, um lugar que considero incrível, embora outros possam não achar o mesmo. Aqui é a cadeia, meu novo lar. Obrigada pela atenção.

Com carinho,

Isabela McLander.

O Último Testemunho

Por Beatriz Toscano

(...)eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco

De Assis, Machado

Alicia chegou correndo, usando luvas como sempre, e falou aos prantos:

– João, minha irmã Sofia... Ela morreu!

Fiquei sem reação. A futura herdeira estava morta.

– Calma, senhorita. Como ela morreu? – perguntei, ajudando-a a se acalmar.

– Essa é a questão: não sabemos! – E ela desmoronou.

Algumas horas depois, a Sra. Rosa convocou uma reunião com todos os funcionários da fábrica. Ela explicou que Sofia tinha enfrentado problemas de saúde nos últimos dias, mas Alicia estava cuidando bem dela. Apesar disso, Sofia foi encontrada morta na cama.

– O corpo estava todo ensanguentado, mas não havia feridas – contou a Sra. Rosa.

Esperei horas no local combinado, mas ninguém apareceu. Escutei passos e me escondi.

– João, cadê você? – reconheci a voz e saí do meu esconderijo.

– Estou aqui, senhorita.

– Vamos investigar o caso da minha irmã – disse Alicia de repente.

Fiquei sem entender, mas, como ela é filha do meu chefe, aceitei ajudá-la.

– Certo, mas vamos começar amanhã – respondi.

Fomos ao local do crime, que tinha um ambiente pesado. A cama estava toda ensanguentada. Tinham me dito que havia sangue, mas não tanto assim. Arrisquei-me a tocá-lo. Tinha uma textura estranha.

– Esse sangue... Parece tinta. Tinta guache – comentei, pausando para que ela processasse. – Além disso, não secou, como se tivessem colocado recentemente.

– Está ficando doido?! – respondeu ela, mais alterada do que o habitual. Mas logo suavizou o tom. – Quer dizer, claro que não. Por que alguém faria isso?

Eu ia argumentar, mas ela me interrompeu:

– Vamos investigar outra coisa.

Procuramos no restante do quarto, mas nada parecia fora do lugar. Não havia sinais de confronto físico.

– Acho que deveríamos investigar em outro lugar – sugeri.

– Agora não. Funcionários não dão opinião – respondeu, seca.

Estranhei seu comportamento. Alicia sempre me tratara bem. Ao me afastar, notei algo entre a cama e a cabeceira: uma caixa de remédios e um par de luvas. Luvas... Eu as reconhecia, mas não sabia de onde.

– João, vamos! – ordenou ela, impaciente.

Olhei para suas mãos cobertas pelas luvas e depois para o espaço entre a cabeceira e a cama. As peças começaram a se encaixar. Eu precisava sair dali, mas antes, perguntei:

– Por que você sempre usa luvas?

Ela me empurrou bruscamente, colocando um braço em meu pescoço. Antes que eu pudesse reagir, algo foi empurrado em minha boca, e fui forçado a engolir.

– Fui eu, João. Matei minha irmã. Agora só falta eliminar meu irmão, e o dinheiro será todo meu. Queria poupar você, mas foi inteligente demais – confessou, deixando claro que eu não sairia com vida.

Quando chegou à porta, parou e sorriu.

– Ah, e respondendo à sua pergunta: sempre uso luvas para nunca deixar digitais. Por isso nunca encontraram provas na faca usada para matar meu avô.

Ela bateu à porta, e o efeito do veneno começou a agir. Tudo escureceu.

Minha vida foi boa. Fico feliz por poder compartilhar este caso com você, mesmo morto. Mas o que me inquieta é saber que a verdadeira assassina continua à solta.

Os Olhos dos Condenados

Por Daniel Callou

Os olhos são as janelas para a alma.

Poe, Edgar Allan

Os olhos brilhantes e avermelhados do predador encaravam sua presa. Felipe, com seus setenta e três anos, corria o mais rápido que conseguia, mas seu corpo velho o traía. As luzes amarelas piscantes, como raios na tempestade, tornavam tudo mais aterrorizante. Ele ouvia os passos pesados do agressor ecoando no paralelepípedo molhado pela chuva que caíra minutos antes. Sair tarde da noite para aquele compromisso havia sido sua pior escolha.

Felipe, ofegante, escondeu-se atrás de um carro. Observou o agressor passar lentamente, os olhos vermelhos varrendo a escuridão. "Estou seguro", pensou, aliviado. Mas antes que pudesse reagir, sentiu algo frio pressionando sua garganta. O calafrio foi instantâneo. Ele deu seu último suspiro antes de cair no chão.

– Ainda acho estranho que tenha sido obra da facção - disse Ronald, o investigador.

– Senhor, o homem tinha um passado ligado ao crime. Pode ser um acerto de contas - respondeu Miguel, o policial.

– E por que não encontramos balas ou armas no local? - questionou Ronald. - Deixe-me assumir o caso.

Maria, a esposa de Felipe, mexia na panela quente enquanto lágrimas deslizavam por seu rosto envelhecido. Seu marido tinha tantos segredos... Por que aquela noite era tão

importante para ele? E por que o corpo desaparecera misteriosamente, deixando apenas arranhões no chão?

Enquanto isso, Jorge, diagnosticado com esquizofrenia, tentava lidar com as visões de olhos vermelhos o observando à noite. Preso em um manicômio, ele perdeu a vontade de viver. "A criatura é real", escreveu na parede antes de se enforcar com a própria camisa.

Ronald começou a perceber que havia algo mais sinistro por trás do caso. Ao investigar o endereço mencionado em uma carta encontrada na casa de Maria, encontrou cachorros esfolados e cartas assinadas por Léo William, um biólogo condenado à pena de morte por experimentos cruéis. Mas Léo estava morto. Ou será que não?

Naquela noite, Ronald ouviu passos do lado de fora de sua casa. Ao abrir a porta, congelou ao ver uma figura monstruosa: quatro metros de altura, coberta por pelos negros, olhos brilhantes e vermelhos, uma cabeça canina com dentes afiados e uma cauda de escorpião. Em sua mandíbula, havia um rosto humano em decomposição.

Mais criaturas apareceram ao seu redor, dezenas de olhos encarnados brilhando na escuridão. Desde aquele momento, Ronald nunca mais foi o mesmo. Pelos começaram a crescer em sua pele, e suas alucinações pioraram. Agora, ele sabia a verdade. Não eram apenas alucinações. Ele havia se tornado parte daquilo que tanto temia.

Outro Eu

Por Otto Colonnelli

O mistério gera curiosidade e a curiosidade é a base do desejo humano para compreender.

Armstrong, Neil

– Isaac! – Davi me chamou, impaciente. – Todo mundo já está aqui! Vamos logo!

Estava terminando de me vestir. Ao sair, fui imediatamente ofuscado pela luz forte do sol. Apesar disso, o dia estava frio, algo incomum para essa época do ano. Peguei minha bicicleta e comecei a pedalar atrás dos meus amigos, que já estavam a caminho da casa de Heitor, o anfitrião da festa.

– Vamos! – gritou Ravi, mais à frente. – Estamos atrasados!

– Por que estamos indo a essa festa, afinal? – gritei de volta. – Nem conhecemos direito esse cara!

– Ele é o mais popular da escola!

– Pra mim, ele é só um riquinho de meia tigela.

– Parem com isso! – Miguel interveio, irritado. – Temos que chegar logo!

Após a discussão, alcançamos rapidamente a casa. Quando chegamos, percebi algo estranho: só Heitor estava ali. Antes que eu pudesse perguntar o que estava acontecendo, Miguel foi mais rápido:

– Por que só você está aqui?

– A energia tem falhado bastante nos últimos dias – explicou Heitor. – Todos os alimentos estragaram, e precisei adiar a festa para a próxima semana. Mas entrem! Será bom ter companhia.

Apesar do contratempo, entramos na casa e passamos o tempo jogando e conversando. As horas voaram, e como a festa estava programada para durar até a madrugada, achamos que podíamos aproveitar à nossa maneira. Tudo mudou quando Heitor saiu para pegar lanches na cozinha e nunca mais voltou.

– Ele não está demorando muito? – perguntei. – Vou lá checá-lo.

Quando entrei na cozinha, encontrei o corpo de Heitor no chão, uma faca cravada em suas costas, envolto em uma poça de sangue. Gritei tão alto quanto meus pulmões permitiram, e, em poucos segundos, meus amigos chegaram. Apavorados, pegamos facas e tesouras para nos proteger e nos lançamos olhares desconfiados. O medo era palpável.

– Por que estamos achando que foi um de nós? – questionou Miguel. – Pode ter sido um assassino que já fugiu. Precisamos sair daqui agora!

– Mas os muros são altos – argumentou Noah. – E a porta da frente faz muito barulho ao ser aberta. O assassino não teria conseguido sair despercebido.

Decidimos tentar o interfone, mas, antes que pudéssemos alcançá-lo, a energia acabou, mergulhando a casa na escuridão.

– Agora, sem energia, não podemos abrir o portão – lamentou Noah. – Estamos presos aqui com o assassino.

O silêncio tomou conta, interrompido apenas pelos nossos pensamentos caóticos. Então Miguel trouxe uma fagulha de esperança:

– Eu trouxe meu celular! Posso ligar para a polícia. Está na sala. Vou buscá-lo.

A esperança logo se transformou em desespero. Quando cheguei à sala, encontrei Miguel morto, com seu celular destruído ao lado. O sangue escorria pelo chão, formando um rastro

assustador. Meu grito ecoou pela casa, trazendo meus amigos até mim. Ninguém conseguia pensar em um próximo passo.

Ravi quebrou o silêncio:

– Não podemos esperar até alguém nos encontrar. O assassino nos matará antes disso!

– O que sugere? – gritei, já no limite.

– Precisamos consertar o problema da energia. Davi, você sabe como fazer isso, não sabe?

Davi relutou, mas concordou. Nos dividimos em duplas para agilizar a busca. Enquanto Ravi e eu explorávamos a casa, ele se afastou para usar o banheiro. Pouco depois, eu apaguei novamente. Quando recuperei a consciência, estava sozinho, cercado por um silêncio perturbador.

Encontrei Davi e Ravi parados, encarando o corpo de Noah. Ele estava morto, com uma tesoura cravada no pescoço. A energia voltou logo em seguida, e a visão do corpo, iluminada pela luz artificial, fez meu estômago revirar. Eu me separei deles e me sentei no sofá, desorientado. Foi quando as vozes começaram. Elas ecoavam na minha mente, tão altas que me fizeram apagar mais uma vez.

Quando acordei, estava com uma faca ensanguentada nas mãos, ao lado do corpo de Ravi. A visão me chocou profundamente. Corri para as câmeras de segurança com Davi, tentando descobrir quem era o assassino. Ao ver as imagens, tudo fez sentido: eu era o culpado.

As vozes voltaram, agora insuportavelmente altas. Em um ato desesperado, enfiei a faca em meu próprio peito. À medida que a dor tomava conta, as vozes cessaram. No meu último suspiro, encontrei algo que parecia inalcançável até aquele momento: a paz.

Caveira Negra

Por Matheus Lacerda

*Sou apaixonado pelo mistério, porque sempre tenho a
esperança de desvendá-lo.*

Baudelaire, Charles

Era uma tarde comum na cidade de São Paulo, até que o alarme de um banco disparou.

Os seguranças vasculharam todos os setores, incluindo o cofre. Os policiais chegaram logo em seguida para investigar, supondo que o alarme tivesse sido acionado por engano. Porém, ao entrarem no cofre, encontraram-no vazio. Não havia dinheiro, nem sinal de arrombamento ou passagem usada para a fuga. Tudo o que restava era uma carta assinada por um nome conhecido: Caveira Negra.

Uma semana depois, o esquadrão de polícia comemorava o aniversário de Marcos Silva, um dos oficiais mais respeitados. A festa era em uma casa grande, de dois andares. Contudo, os espiões da Caveira Negra, infiltrados em várias forças policiais, estavam atentos. No meio da celebração, o alarme da residência tocou, e sete corpos foram encontrados no chão, mortos por golpes de foice. Entre eles, cinco eram detetives que investigavam o criminoso. Era mais um ataque da Caveira Negra.

A partir desse dia, o Capitão Joe e sua equipe começaram uma perseguição implacável. Uma madrugada fria e intensa trouxe um confronto direto. A Caveira foi encurralada em um beco sem saída, mas desapareceu diante dos olhos dos agentes. "Como ele fez isso?" era a pergunta que pairava entre os oficiais.

Nessa noite, um novo embate surgiu. A polícia enfrentava membros da misteriosa Organização Pato. No meio do caos, a Caveira Negra apareceu, eliminou os agentes da organização

com brutalidade e fugiu novamente. A habilidade e a frieza do criminoso deixaram o capitão em choque.

Outro dia, dois policiais vasculhavam documentos no escritório de Joe. De repente, ouviram passos pesados e uma música assustadora ecoando pelos corredores. A música cessou, mas gritos infantis e aterrorizantes ecoaram. Quando os guardas chegaram ao escritório, encontraram Joe amarrado de cabeça para baixo, com uma fita escura cobrindo sua boca. Ao lado dele, estava a Caveira Negra, com sua nova máscara – uma caveira negra brilhante.

– Gostaram da minha nova belezinha? – disse o criminoso, com um sorriso sombrio.

Dias depois, o Capitão Joe foi encontrado morto da mesma forma, pendurado no teto, enquanto outros dois oficiais estavam caídos à porta. A notícia chocou Maria e sua família. Seu tio Bruno, um ex-detetive, decidiu investigar o caso, apesar dos riscos. Ele conseguiu recuperar um aparelho usado pela Caveira Negra, que Paula, sua esposa e mecânica habilidosa, consertou. Com o dispositivo funcional, descobriram a localização do próximo crime.

Na noite de 26 de setembro, a família seguiu até a Fazenda Vila Real, onde a Caveira planejava roubar Jamaya, uma valiosa vaca Nelore. Escondidos, observaram a figura assustadora do criminoso amarrar o animal e entrar em uma construção misteriosa. Apesar de o vilão escapar novamente, o tio Bruno conseguiu pistas valiosas, incluindo fotos das pegadas e informações sobre seus equipamentos luxuosos.

Semanas depois, a família interceptou um plano de ataque da Caveira Negra contra agentes da Organização Pato. Maria, seus tios e Judite, amiga de Maria, usaram suas invenções tecnológicas para monitorar o local. Ao testemunharem o confronto, ficaram chocados com a brutalidade da Caveira, que venceu facilmente oito agentes de elite.

O desfecho se aproximava. Durante um encontro com seu chefe, a identidade da Caveira Negra foi revelada: Maurício Silva, um multimilionário influente. Entretanto, antes que pudesse ser capturado, Maria foi vista pelo criminoso, deixando um gancho sombrio para os próximos passos dessa história de mistério.

A Grelha

Por Fernando Barros

Às vezes, a maior força está naquilo que encontramos dentro de nós quando tudo ao redor parece perdido.

Anônimo

Jurei pela minha vida que, se não fosse pela minha ingenuidade, eu não estaria preso naquele lugar.

A única coisa que via à minha frente era uma porta de ferro enferrujada. Ao meu redor, tábuas de madeira velhas e uma grelha enferrujada no teto completavam o cenário. Tentava entender como tinha ido parar ali, mas minha mente estava em pedaços.

Eu me lembrei. Estava indo para a escola naquela manhã. Como sempre, caminhava pela calçada vazia. Foi quando vi um homem ao lado de uma van branca. Ele parecia atrapalhado, deixando cair frutas de uma sacola. Por compaixão, ajoelhei-me para ajudá-lo. Assim que lhe entreguei as maçãs, senti um puxão brusco. Tudo escureceu.

Eu estava lá, naquele cativado sufocante. O som de passos ecoava do lado de fora. Corri para me esconder entre as tábuas. A porta se abriu, e vi o homem. Ele trazia um prato de comida e um copo d'água. Sem dizer uma palavra, colocou-os no chão e saiu, trancando a porta atrás de si.

Olhei para o prato: arroz e um pedaço de peixe. Minha fome era devastadora, mas e se estivesse envenenado? Hesitei, mas acabei comendo. Precisava de forças para escapar.

A ideia surgiu enquanto observava o garfo que ele tinha deixado comigo. Tentei usá-lo para forçar a fechadura, mas a

porta resistiu. O cansaço me venceu, e adormeci encostado na parede fria.

Sonhei com a grelha no teto. No devaneio, via-me empilhando tábuas para alcançar as barras de ferro e usá-las como saída. Acordei com gritos distantes. Não sabia se eram reais ou fruto da minha imaginação. Mas o sonho me deu uma ideia.

Sem perder tempo, reuni as tábuas e montei um banco improvisado. Subi nele e usei o garfo para tentar soltar as barras da grelha. Após várias tentativas, duas delas se romperam. Com dificuldade, consegui passar pelo buraco e cheguei ao lado de fora.

Eu estava em uma casa velha, com paredes descascadas e cheiro de mofo. Reconheci a vizinhança. Corri até minha casa e, aos prantos, contei tudo à minha família.

A polícia chegou rápido. relatei o sequestro, e eles vasculharam a casa onde eu tinha estado preso. Horas depois, recebi uma ligação. Eles encontraram corpos em uma casa vizinha, todos de crianças desaparecidas do bairro. Quanto ao homem, ele havia desaparecido.

Agora, mesmo em segurança, sentia que ele ainda estava por aí, observando... esperando.

No Lago

Por Isabela Spina

A mulher era o mistério em si mesmo.

Lispector, Clarice

Meu nome é Julio, e sou um homem comum. Ou, pelo menos, era. Sempre fui paciente, tranquilo. Até o dia em que ela me feriu.

Minha esposa, Aline, tinha cabelos castanhos ondulados, olhos da mesma cor e um jeito reservado, quase frio. Ela nunca foi de demonstrar muito afeto, mas eu a amava. Aline era irmã da esposa do meu melhor amigo, o que nos fazia muito próximos. Nossas idades também nos uniam: apenas dois anos de diferença.

Uma noite, fomos a uma festa como tantas outras. Chegamos por volta das sete, mas logo percebi que Aline havia sumido. Quando voltou, disse que tinha se perdido. Não desconfiei de nada. Mas, pouco tempo depois, ela sumiu de novo. Foi então que comecei a procurá-la.

E encontrei.

Ela estava me traindo.

Não fiz nada. Apenas observei, em silêncio, e decidi dar-lhe mais uma chance.

Os dias passaram, e eu tentei esquecer. Até que recebi uma ligação de Michele, a irmã dela. Aline havia confessado que me traiu novamente.

Dessa vez, não consegui conter minha raiva. Quando ela chegou em casa, a chamei para conversar. Estava descontrolado, gritando. Mas ela não pediu desculpas. Pelo contrário, disse que ia me deixar.

Algo dentro de mim quebrou.

O que era para ser uma conversa transformou-se em uma tragédia. Eu a matei.

Olhei para suas mãos frias e me perguntei: como isso aconteceu? Nunca faria algo assim... não em sã consciência.

Mas já era tarde. Peguei o corpo, enrolei-o em uma manta e o coloquei no porta-malas. Dirigi até um lago afastado, próximo à estrada. Enterrei seu corpo na água, assistindo-o desaparecer. Depois, voltei para casa e liguei para a polícia, dizendo que Aline havia saído para o mercado e não voltado.

Os anos passaram, mas o peso da culpa permaneceu.

Até que conheci Eleanor.

Ela era completamente diferente de Aline. Loira, de olhos azuis quase transparentes, sempre carinhosa e atenciosa. Começamos a namorar, e pela primeira vez em muito tempo, senti que poderia ser feliz novamente.

Mas Eleanor mudou.

Primeiro, cortou os cabelos. Depois, os tingiu de castanho. Aos poucos, começou a se parecer com... Aline.

— Amor, por que você mudou o visual? — perguntei, tentando disfarçar o nervosismo.

— Queria inovar, meu bem. E acho que vai ficar ótimo para a viagem à casa de praia dos meus pais! — respondeu, sorrindo.

Mas algo estava errado.

No dia da viagem, enquanto dirigíamos, passamos pelo lago. Eleanor olhou para a água e, apontando, disse:

— Julio, você se lembra da última vez que estivemos aqui?

Minha respiração parou.

— Nunca viemos a este lugar — respondi, tentando manter a calma.

Ela sorriu.

— Claro que viemos. Da primeira e última vez, eu estava sem vida.

Preço do Sucesso

Por Júlia Neiva

A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.

De Assis, Machado

O corpo já estava frio. Ajoelhado ao lado da vítima, retirei uma amostra do cabo da faca cravada em seu peito e do sangue que escorria pelas mãos inertes. Guardei tudo em recipientes apropriados e me sentei na cadeira mais próxima.

Uma mulher, mãe do empresário morto, soluçava em um canto, ainda em choque. O detetive designado para o caso fazia perguntas que ela mal conseguia responder. Depois de alguns minutos, ele se aproximou de mim, enxugando a testa reluzente.

— André, encontramos um fio de cabelo ruivo perto da vítima — disse, entregando-me o saco plástico com a evidência.

— Irei realizar alguns testes e te aviso sobre os resultados — respondi, tentando ignorar o sarcasmo evidente em seu tom.

Levei as amostras para o laboratório. Entre análises e comparações, descobri que o sangue nas mãos da vítima era do tipo RH nulo, o mais raro do mundo. A faca, no entanto, estava limpa: nenhum DNA ou impressão digital.

Os dias se passaram sem novas pistas. Impaciente, decidi investigar os concorrentes do empresário morto. Afinal, ele era o dono da segunda maior empresa de tecnologia do Brasil. Próximo ao local do crime, na Liberdade, ficava a sede da NextTech, a segunda colocada no mercado.

Ao chegar, fui recebido por Arthur Ferrari, o dono da empresa. Seus cabelos ruivos chamaram minha atenção imediatamente.

— Onde o senhor estava na noite de 2 de março de 2024? — perguntei sem rodeios.

— No jantar com o dono da MindTech — respondeu, parecendo confiante. — Ele pode confirmar isso.

O nome MindTech acendeu uma luz em minha memória. Era a maior empresa de tecnologia do Brasil. Decidi que precisava falar com Marcos Monteiro, o homem por trás desse império.

Antes disso, a notícia de mais três assassinatos abalou a cidade. Todas as vítimas eram empresários do setor tecnológico, mortos com a mesma faca de cabo vermelho. As semelhanças eram assustadoras.

À noite, fui à mansão de Marcos Monteiro. A casa exalava luxo. Uma funcionária de uniforme vermelho me guiou até a sala de jantar. Lá, encontrei Marcos acariciando um gato de pelos alaranjados.

— Belo animal — comentei, tentando parecer casual.

— Obrigado. Seus pelos combinam com o restante da casa — respondeu com um sorriso enigmático.

Durante o jantar, ele mencionou casualmente que tinha o tipo de sangue mais raro do mundo: RH dourado. Minhas suspeitas aumentaram, mas antes que pudesse aprofundar a conversa, meu celular tocou.

— Mais um assassinato, André. Encontramos outro fio ruivo. Fizemos testes e confirmamos: não era cabelo humano. Era pelo de gato.

Naquele momento, tudo fez sentido.

Mas já era tarde demais.

Uma faca de cabo vermelho cravou-se em meu peito, cortando minha respiração. Enquanto o sangue se esvaía, a última

coisa que vi foi o sorriso de Marcos e o gato, saltando para o colo de seu dono.

Último Grito

Por Fernando Sousa

A imaginação é a rainha do real e o possível é uma das províncias do real.

Baudelaire, Charles

– SOCORRO! SOCORRO! ALGUÉM ME AJUDE, ESTOU SENDO PERSEGUIDA! – gritava uma mulher com medo, no escuro. – ME AJUDE! TEM UM HOMEM ME PERSEGUINDO!

– ESPERE, EU JÁ VOU TE AJUDAR! SOU POLICIAL! – gritou alguém pela janela.

– CORRA, POR FAVOR! – ela gritava com a última força que restava em seu corpo.

A mulher caiu no chão de maneira desumana, em uma posição que nenhum humano deveria ficar. Já começava a ficar pálida, com seis linhas cruzadas em seu corpo, formando o símbolo nazista. Várias pessoas estavam ao seu redor, tentando entender o que havia acontecido.

– PARADO BEM AÍ, ESTOU ARMADO! – gritou o policial em direção ao assassino, que não se importou, pois já havia terminado o seu trabalho.

Na manhã seguinte, a polícia científica chegou, junto com Gabriel, um detetive particular confiável por qualquer pessoa que trabalhasse na polícia.

– Senhor! Senhor! Senhor! Seu policial, vem cá por favor! – gritou um dos investigadores.

– Diga. – falou o sargento, sério, esperando pela resposta.

– Posso entrar? Eu sei que é cena de crime, mas sou detetive particular e também trabalho para a polícia.

– Não. – respondeu, duramente.

Houve um silêncio tenso por alguns segundos até que o sargento o liberou, pois sabia quem ele era.

– Tenente, você poderia pedir silêncio aos espectadores? – pediu o detetive.

– Claro. – respondeu o tenente, afastando-se para concluir a ação. – Feito, doutor.

– Obrigado.

Um silêncio mais doloroso que um tiro no peito tomou conta do ambiente. Alguns segundos depois, uma voz gritou pedindo atenção.

– Senhor! Senhor! Senhor! Seu policial, vem cá por favor!

– Diga. – dessa vez, foi o tenente.

– Posso entrar? Não sou nada da polícia, apenas o marido da mulher que acabou de morrer.

– Vou falar com o sargento. – Após alguns minutos, ele voltou. – Infelizmente não, mas gostaríamos de falar com o senhor sobre a vítima, pois verificamos em nosso banco de dados e confirmamos que você era o cônjuge dela.

– Ok, vou conversar. – O marido parecia nervoso, mas aceitou. Após algum tempo, eles se separaram e foram para lados opostos.

O marido ficou lá, parado, com um olhar de muitas ideias, observando a cena do crime. Cada detalhe estava sendo memorizado em sua mente, até que foi interrompido.

– O senhor tem alguma ideia? – perguntou o tenente.

– Tenho, tenente. Tenho duas hipóteses. A primeira é que o assassino estava com raiva ou inveja de algo feito pela vítima. A segunda hipótese é que ela não tenha sido apenas esfaqueada. Olhe para a boca dela. A coloração está diferente, parece um azul de gelo. Isso pode indicar envenenamento. E outra coisa: a boca dela começou a espumar antes de morrer, ou o assassino limpou um pouco da espuma. E vou lhe dizer, esse marido está parecendo meio suspeito. Preste muita atenção nele!

– Não, senhor, ele não pode ser culpado. Ele tem um álibi. Ele estava cuidando de outras pessoas quando ela morreu. Temos provas em vídeo sobre isso.

– Desculpe interromper, mas gostaria de ajudá-los. Quero saber quem foi o desgraçado que matou minha mulher. Não se preocupe, sou um homem de Deus e não vou machucá-lo, senão perderia tudo que lutei para conquistar na minha vida! Mas voltando, meu tataravô era um detetive famoso. O nome dele era Sherlock Holmes. – disse o marido.

– Claro que pode. Sherlock era amigo de infância do meu tataravô. Mas enfim, ela foi a algum lugar recentemente, com ou sem você? – perguntou Gabriel.

– Não, não que eu saiba.

– Certo. Ela tinha algum veículo?

– Sim, ela tinha um carro que levou para consertar ontem.

– Qual é a oficina?

– É a oficina do meu tio-avô. Você gostaria de vê-lo?

– Sim, gostaria. Enquanto vamos para lá, me fale mais sobre ele.

– O nome dele é Stuart, como eu disse, ele é meu tio-avô por parte materna.

Chegaram à oficina, que estava um pouco suja e surrada pelo tempo.

– Opa, titio, você soube? Infelizmente minha esposa morreu...

– Soube, soube sim. – disse Stuart, tentando não sorrir.

Gabriel percebeu que algo não estava certo. Ele viu o sorriso de Stuart e pensou: "Isso é suspeito. Isso não é uma reação condizente com a situação."

– O que você fazia às onze e meia da noite? – interrogou Gabriel.

– Eu fechava a loja nessa hora. Fecho a loja às onze da noite, mas tive um pequeno problema...

– Certo. – Gabriel percebeu que Stuart estava sendo evasivo.
– Deixe-me perguntar algo, o que você fazia à meia-noite?

– Eu estava a caminho de casa. Por quê?

– Nada, apenas queria saber.

– Mentira. – disse Gabriel, desconfiado. – Ok, já terminei com ele. Obrigado pelo seu tempo.

– De nada, seu tempo é nosso tempo!

Gabriel já tinha seu principal suspeito. Agora, bastava verificar se ele realmente tinha um álibi. Ele pediu ao tenente para trazer as imagens das câmeras da STTP, e adivinhe? Não havia nenhum carro passando pelo caminho da casa de Stuart entre 23h30 e 00h30. Então, o detetive decidiu pedir as imagens das câmeras das ruas próximas à cena do crime. E adivinhe, Stuart estava por perto, foi visto na mesma rua no mesmo horário.

Alguns minutos depois, o detetive foi chamado novamente: houve outro assassinato! Desta vez, na casa de Stuart. Foi um

envenenamento! A cena parecia a mesma da primeira vítima: boca azulada e espuma na boca, só que com mais espuma.

– Com sua permissão, podemos fazer uma autópsia no corpo da sua esposa e ver a real causa de morte? Estou quase certo de que ela também morreu envenenada, assim como esta mulher aqui. Ela estava com a mesma tonalidade nos lábios e espuma na boca! – sussurrou Gabriel no ouvido de Caio.

– Eu permito, mas com uma condição: você tem que achar o desgraçado que matou minha esposa.

– Contrato fechado. Tenente, quero que peça uma autópsia nos corpos das vítimas 1 e 2 e verifique se o veneno é o mesmo.

– Certo, vou pedir.

Foi um sucesso: as duas vítimas morreram de envenenamento, mas o corpo da primeira chamou mais atenção. Ela foi envenenada antes de ser cortada. As únicas palavras que Gabriel queria ouvir eram: “Chefia, achamos o veneno, estava no porão da casa!” Mas ele não recebeu essa notícia. Ele pediu para revistar a casa toda. Nada. O quintal. Nada. O porão. Nada.

"Mas e se o veneno tivesse sido aplicado em outro lugar? Daqui a dois dias seria o aniversário de casamento de Stuart. E se o veneno tivesse sido aplicado em um restaurante?" Tudo se confirmou: conversas no celular de Stuart mostraram que ele falava com o chef do restaurante para colocar veneno no prato.

"Mas então, por que a primeira vítima morreu também?" pensou Gabriel. A resposta era simples: o chef não sabia quem envenenar, então envenenou as duas vítimas. Stuart sabia que, se a vítima 1 fosse fácil de identificar como envenenada, ele seria facilmente incriminado. Então, ele a esfaqueou e desenhou um símbolo nazista para desviar a atenção do detetive.

Mais um caso resolvido por Gabriel, o detetive!

Um Assassino Improvável

Por Davi Dantas

A cada manhã, exijo ao menos a expectativa de uma surpresa, quer ela aconteça ou não. Expectativa, por si só, já é um entusiasmo.

Medeiros, Martha

Carlos estava andando pela mansão quando recebeu dez tiros na barriga e faleceu no mesmo momento. Sua esposa, Maria, foi pegar um copo de água quando escutou o som dos tiros e viu um homem quebrando a janela e saindo correndo da sala de lavanderia. Ela correu até lá e encontrou seu marido morto no chão. Maria estava chocada ao ver o que aconteceu e chamou a polícia imediatamente.

- Polícia! Meu marido, Carlos, está caído morto no chão!
- Fique calma, senhora. – respondeu o policial.
- COMO É PARA EU FICAR CALMA, MEU MARIDO MORREU!
- O que aconteceu, senhora?
- Eu escutei um som e fui ver o que era, e o encontrei morto.
- Vamos mandar agentes para sua casa.
- Ok.

A polícia disse que enviaria dois dos melhores detetives da cidade: Steve, um homem gordinho que se acha, e Klebber, um detetive muito inteligente que entende os casos rapidamente. Quando chegaram à casa de Maria, ela explicou tudo o que aconteceu.

– Onde está o corpo? – perguntou Steve.

– Na sala de lavanderia.

– Eu e Steve vamos investigar o caso.

Enquanto Steve procurava pistas no quarto e na sala de estar, Klebber examinava a cena do crime. Ele notou uma pegada funda, onde o assassino provavelmente saiu, e também uma arma caída no chão.

Steve procurava por alguma pista no sofá quando encontrou um papel. Ele o pegou e viu que estava escrito: "Código: 22762". Steve ficou confuso, mas guardou o papel com o código.

Steve foi até a cena do crime e viu Klebber investigando a arma no chão.

– Olha o que eu achei na sala!

– O que é, Steve?

– Um código de alguma coisa.

– Eu encontrei uma arma no chão.

– Nossa! Você viu se há impressões digitais?

– Não. O assassino estava de luvas, provavelmente.

– Ele deve ser bem esperto.

– Não se ele deixou a arma no chão.

Steve mostrou o código para Klebber, que ficou intrigado e decidiu verificar o corpo. Ele procurou nos bolsos do casaco de Carlos e encontrou um mapa com um círculo em uma parte da sala de lavanderia, e uma chave pequena.

– Pegue isso e procure onde essa chave pode ser usada.

– Ok.

Steve foi procurar uma fechadura que a chave pudesse abrir. Ele vasculhou toda a casa até que encontrou um guarda-roupa perto da cena do crime. Ao abrir o guarda-roupa, viu uma mini fechadura. Pegou a chave e a colocou na fechadura, que se moveu. Apareceu uma tela dizendo: "Digite o código". Steve digitou o código 22762. Uma maçaneta surgiu, e ele abriu a "porta", que levava a uma escadaria. Ele desceu com cuidado e chegou a uma sala gigantesca.

Na frente, havia um computador que cobria quase toda a parede. À esquerda, um cartaz escrito "Caso Atual" com um plano inteiro baseado nesse caso. À direita, uma lista de criminosos. Steve olhou para trás e viu o símbolo do FBI. Foi nesse momento que ele se deu conta de que Carlos era um agente secreto do FBI.

Ele começou a mexer no computador e depois foi avisar Klebber sobre o que havia encontrado.

Klebber estava conversando com Maria.

- Com tantas câmeras aqui, por que você não verifica?
- Só meu marido tinha acesso a elas.
- Mas então o assassino tomou um tiro? Foi isso?
- Sim, ouvi o grito de dor dele.
- Você o escutou reclamar de alguma parte do corpo?
- Não, mas quando ele caiu, deu um grito muito alto.
- Ok.
- GENTE! – gritou Steve.
- OLHA O QUE EU ENCONTREI!
- O quê?
- Carlos é um agente do FBI! E EU encontrei a sala secreta!

– Onde está ela?

– Eu te mostro, Klebber.

Steve levou Klebber até a sala, que estava com lama em alguns lugares, e Klebber ficou chocado com o que estava vendo.

– Eu vou procurar mais pistas, mas até agora não sabemos quem foi.

– Eu vou ficar aqui vendo a sala, Steve.

– Ok, tchau.

Klebber continuou mexendo no computador e decidiu verificar o que havia na lixeira, pois desconfiava que poderia haver algo sobre as câmeras em uma sala do FBI. Ele olhou na lixeira e encontrou um site para visualizar as câmeras da casa. Acessou o site e verificou o horário da cena do crime. Ele viu que Steve, seu parceiro de agência, havia matado Carlos. Klebber começou a conectar tudo: os machucados que Steve tinha, os elogios ao assassino, até o sapato cheio de lama, mesmo sem ter chovido ou ter lama por perto.

Klebber chegou à conclusão:

– Socorro!

Era Maria, que estava sendo ameaçada por Steve. Klebber correu com um *teaser* armado. Quando chegou ao topo da escada, viu Steve ameaçando Maria. Klebber apontou o *teaser* e eletrocutou Steve, salvando Maria por pouco.

– Muito obrigada, Klebber! – disse Maria, correndo para dar um abraço nele.

Klebber ignorou Maria e foi prender Steve.

– De nada. Agora, deixa eu prender esse gordo safado.

– Muito obrigada mesmo, você salvou minha vida! Eu não sei se era para eu estar viva neste momento!

– Ok, chega de mimimi e me deixa finalizar meu trabalho.

Steve não conseguiu fugir, pois estava eletrocutado. Klebber o prendeu e, depois disso, Klebber virou detetive-chefe da agência brasileira de São Paulo.

Entre Brilhos e Traições

Por Walquiria Macedo

*Esquecer é uma necessidade. A vida é uma lousa,
em que o destino, para escrever um novo caso, precisa
de apagar o caso escrito.*

De Assis, Machado

Às 22h54, eu dormia tranquilamente na casa de Hanna, como em qualquer outro dia, quando fui despertada abruptamente por um barulho de vidro quebrando. Acordei assustada e gritei:
— Ah! O que foi isso?!

Hanna, também sobressaltada, começou a chorar, mas logo tentou me acalmar:

— Não deve ser nada, só o vento.

Eu franzi a testa, desconfiada.

— Tem certeza? Parecia barulho de vidro quebrando.

— Esquece isso, vamos dormir.

Apesar de suas palavras, meu medo aumentou. Como o vento poderia fazer um som daqueles? Impossível! Mesmo assim, tentei voltar a dormir.

No dia seguinte, a rotina seguiu normalmente. Enquanto estávamos no carro, indo para a escola, meu celular vibrou. Uma mensagem. Não reconheci o remetente, mas resolvi abrir. Assim que li, fiquei paralisada:

— Hanna! Eu recebi o convite de aniversário da sua irmã!

— O QUÊ? É sério? Espera aí, deixa eu ver... Também recebi!

— Meu Deus! Estou tão feliz! Mas... por que ela nos chamou? Ela nos odeia! Mesmo você sendo irmã dela.

Hanna balançou a cabeça, confusa:

— Também não entendo. Lorena é... complicada.

O dia da festa chegou. Todas estavam deslumbrantes, mas Hanna chamou a atenção com seu vestido vermelho vibrante, complementado por um lenço elegantíssimo.

— Estou tão animada para essa festa! — ela exclamou.

— Eu também! Mas, Hanna, cadê o Nathan? Faz tempo que não vejo vocês juntos.

— Ele já está vindo, deve estar a caminho.

Quando chegamos à festa, fomos recebidas como estrelas de cinema, cumprimentando todos como se estivéssemos em Hollywood. De longe, avistei Lorena. O vestido dela era tão brilhante que parecia um globo de discoteca — uma cena e tanto, considerando que Hanna usava um vestido idêntico.

— Você já viu o vestido da sua irmã? — perguntei, sem esconder o choque.

— Não... Por quê?

— Nada, esquece.

A noite desenrolou-se em torno de um conflito que parecia inevitável: Lorena e Hanna discutiram por estarem vestindo o mesmo traje. O clima ficou pesado, mas nada nos preparou para o que aconteceria depois.

No final da festa, enquanto nos preparávamos para ir embora, Lorena chamou Hanna para uma conversa privada. Minutos se passaram, e a demora começou a me inquietar. Decidi procurá-las. Assim que cheguei, meu mundo parou: Hanna estava caída no chão, coberta de sangue.

Desesperada, chamei os pais dela e liguei para a emergência. Mas já era tarde. No hospital, os médicos confirmaram que Hanna havia falecido.

Os meses seguintes foram um tormento. Ninguém sabia o que tinha acontecido, e a polícia interrogava todos os convidados da festa. Mas eu sabia a verdade. Como? Antes de Lorena levar Hanna para conversar, eu havia deixado uma câmera escondida, gravando.

A pressão de guardar esse segredo me consumia. Um dia, não aguentei mais e contei tudo a Nathan, o namorado de Hanna. Ele ficou devastado e decidiu confrontar Lorena. Ela negou inicialmente, mas diante das provas que eu tinha, acabou confessando. Lorena revelou algo perturbador: sempre fora apaixonada por Nathan. O ciúme e a obsessão a levaram a tirar a vida da própria irmã.

— Eu me arrependo tanto... Não sei como pude fazer isso! — ela disse entre lágrimas.

— Isso não justifica nada! — respondi, horrorizada.

Após muita discussão, decidimos dar uma última chance a Lorena, acreditando no seu arrependimento. Ela adotou um cachorro, tentando lidar com a depressão que veio depois.

Alguns anos se passaram. As coisas mudaram: Nathan e Lorena recomeçaram, e eu conheci Lucca, alguém que me trouxe alegria. Porém, uma notícia abalou todos nós: Kylie, mãe de Lorena, faleceu repentinamente.

Naquele momento, não consegui evitar o pensamento: será que Lorena... fez isso de novo?

Código de Sangue

Por Miguel Alves

O que é mais difícil não é escrever muito; é dizer tudo, escrevendo pouco.

De Assis, Machado

Hoje, na CNN News, vamos falar sobre um assassinato em série que deixou a cidade em choque: uma mulher no Bronx, um homem no Brooklyn, um jovem de 16 anos descendente de chineses em Staten Island, uma criança de 9 anos filha de haitianos no Queens e uma senhora que chegou da França há três meses e morreu em Manhattan. Todos foram mortos às 8h42 da noite, no mesmo dia.

— Que assassino estranho! — disse o detetive Miguel Lima.

— Ele conseguiu matar cinco pessoas ao mesmo tempo.

O detetive ligou para o diretor do FBI, que já estava na cena do crime.

— Rafael, como alguém conseguiu matar cinco pessoas ao mesmo tempo?

— Bem, Miguel, pelas evidências, não foi ele, mas sim eles.

— Como assim?

— Foi uma associação secreta que matou essas cinco pessoas, e parece que não vão parar.

— Elas foram mortas com armas diferentes.

— Como meus agentes analisaram os corpos das vítimas, todas foram mortas com armas diferentes.

— Então, você tem paciência para checar as balas?

— Obrigado pela informação.

Depois de desligar o celular, Miguel começou a se organizar para ir a Manhattan. Pegou o lápis e o caderno, o colete à prova de balas, o casaco e o chapéu e aguardou o transporte. Quando o detetive Lima chegou a Manhattan, viu casas de cores variadas. Lá estava o corpo da senhora, com sua roupa encharcada de sangue carmesim. Ele perguntou a um agente do FBI de onde o assassino disparou o tiro e com qual arma. Após obter as informações imprescindíveis do agente, Miguel estava saindo da rua bem pavimentada onde ocorreu o crime e percebeu rastros de sangue que levavam a um beco escuro, sujo e sem saída, onde ninguém queria estar. Lá, ele encontrou um número simples escrito com o sangue daquela inocente senhora (que acabara de morrer): 88. No entanto, havia algo irregular na parede de tijolos que Miguel não percebeu. Era um tijolo falso com algo dentro.

Depois disso, Miguel foi direto para a sua casa.

No dia seguinte, o detetive acordou disposto a desvendar o crime. Ele tomou café da manhã, escovou os dentes, tomou banho e, quando estava ouvindo o telefone tocar, atendeu. Era o departamento de polícia, reportando a morte de mais 10 pessoas distribuídas igualmente pelos cinco bairros de Nova Iorque. O detetive Lima colocou todas as informações em um papel e percebeu as seguintes conclusões:

- A organização mata em todos os bairros de Nova Iorque.
- Eles matam na mesma hora.
- Eles apoiam o número 88.
- Eles só matam imigrantes ou descendentes.

Miguel voltou ao mesmo beco e, agora, percebeu o tijolo falso. Retirou-o e encontrou uma pistola com digitais. Pegou a arma e a levou ao leitor biométrico de impressões digitais, mas o resultado foi ERRO. Ele pediu à TI para usar a nova inteligência

artificial para verificar de quem eram as digitais. A IA descobriu que quem matou a senhora foi... Miguel sentiu uma tontura, e desmaiou. Quando recobrou a consciência, estava no hospital. A médica explicou que alguém colocou veneno na água dele, mas que não era fatal. Ele pediu à médica que ligasse para a TI e, após uma hora, alguém respondeu:

— Quem fala?

— O detetive Miguel.

— Miguel, graças a Deus que eu ouvi sua voz. Descobrimos que Rafael era um dos agentes da organização secreta que ele mencionou. Encontramos o computador dele vazio, mas pedimos à nossa IA para fazer uma análise, e ela localizou a base secreta da organização.

— Onde estão os outros funcionários? Está muito silencioso aí.

— Ele veio e matou todos, menos eu. Eles vão atacar Chinatown, a Estátua da Liberdade e Manhattan.

— Onde eles estão?

— Estão em Manhattan, na rua Times Square, número 1890.

Miguel pediu a todos os agentes do FBI que fossem a Manhattan, Chinatown, a Estátua da Liberdade e Times Square. Depois de capturar e prender todos os criminosos, Miguel foi chamado para uma entrevista com o repórter mais famoso de Nova Iorque.

— Sr. Miguel, qual era a intenção dessa associação ao matar 47 pessoas?

— A intenção deles não é clara, e não sabemos como responder.

— Bem, então, o que significa o número 88?

— O número 88 corresponde à oitava letra do alfabeto, que é H, formando "HH", a abreviação de Heil Hitler.

— Então, essa associação é nazista?

— Sim.

— Como vocês descobriram a localização da base secreta deles?

— Essa informação é sigilosa, e eu não posso falar.

Após a entrevista, o detetive Lima escutou uma explosão e gritos ao fundo.

Escondido em Plena Vista

Por Pedro Mega

O presente do passado é a memória, o presente do presente é a contemplação e o presente do futuro é a expectativa.

Tavano, Silvana

Estávamos quase chegando à cena do crime, e o delegado me contava o que havia acontecido:

— Fiquei chocado com o que vi — disse ele. — Sangue para todo lado e os corpos completamente desfigurados. Nem sei se quem fez isso é humano.

Antes que pudesse continuar, o motorista nos interrompeu:

— Chegamos.

— Obrigado, Floyd — respondi, saindo do carro.

Reconheci a casa imediatamente. Os donos eram um casal que eu conhecia; havia sido eu quem lhes deu a notícia da morte do filho nos atentados de 11 de setembro. Fiquei chocado por serem eles as vítimas, mas me concentrei no trabalho. Os corpos já estavam cobertos quando entrei. Minha função era recolher amostras e enviá-las ao laboratório, mas algo me chamou atenção: uma parede parecia ter sido quebrada e mal consertada, como se algo tivesse sido escondido ali.

Quando ninguém estava olhando, quebrei a cobertura improvisada e encontrei uma faca dentro do buraco. Procurei o chefe da investigação, mas ele estava no canto, ocupado com algo estranho. Resolvi falar com o delegado:

— Acho que sei o que aconteceu — disse.

— Diga-me.

— Acho que o assassino entrou escondido, provavelmente enquanto as vítimas dormiam. Ele as matou e depois desfigurou os corpos.

— Entendido. Vamos discutir isso mais tarde. Obrigado — respondeu o delegado, saindo apressado.

Coloquei a faca em um saco de evidências e segui para o laboratório para analisá-la. Minha prioridade era identificar qualquer DNA presente. Depois de horas de trabalho, finalmente encontrei uma correspondência. No entanto, havia um problema: o sistema apontava dois possíveis suspeitos. Trabalhei mais algumas horas para descobrir quem eram essas pessoas. Quando obtive os nomes, desejei nunca ter descoberto.

Um dos suspeitos era o próprio chefe da investigação.

Fiquei em choque. Não queria acreditar, mas as evidências estavam ali. Sem perder tempo, voltei à cena do crime, onde tinha certeza de que ele estaria. Quando cheguei, gritei:

— Onde está o chefe?

Disseram-me que ele estava perto do lago, na frente da casa. Fui até lá e o encontrei. Tirei minha arma da cintura e anunciei:

— Você está preso pelo assassinato de duas pessoas. Coloque as mãos para cima!

Ele riu.

— Seu idiota.

— O quê? — perguntei, confuso.

— Você acha que eu não sei o que você fez? Eu sabia que foi você desde o começo. Sabia que iria querer me incriminar, mas você chegou tarde. Eu já tenho todas as provas: você sabia exatamente onde estava a faca, e vimos uma figura como você nas câmeras no dia do assassinato.

Comecei a rir.

— Você realmente me pegou. Mas, infelizmente para você, nada disso vai adiantar, porque eu já vou te matar também.

Ele pulou sobre mim, tentando tirar minha arma. Disparei, mas errei. Ele me empurrou para dentro do lago e começou a me afogar.

Agora você deve estar se perguntando: como estou falando com vocês se já morri? Bem, eu estou falando diretamente do inferno. Porque, sim, fui eu quem matou aquele casal. E, por um bom tempo, estive escondido... em plena vista.

O Resgate de Westmore

Por Caio Montenegro

O que é mais difícil não é escrever muito; é dizer tudo, escrevendo pouco.

De Assis, Machado

Era mais um anoitecer comum em Westmore para a maioria das pessoas, mas para Oswald, a madrugada estava longe de ser normal. Ele ia de porta em porta à procura de seu filho, desaparecido de forma misteriosa.

— Senhor fazendeiro! — exclamou Oswald, ofegante.

— Oswald, o que está fazendo aqui a essa hora? — respondeu o fazendeiro, surpreso.

— Olá, senhor. Por acaso viu meu filho? — perguntou, esperançoso.

— Não vi, rapaz. Desculpe.

Sem respostas, Oswald voltou para casa. Ao entrar, notou algo estranho sobre a mesa: uma carta, que dizia de forma enigmática: “Sabemos onde está seu filho. Vá até a localização indicada abaixo.” A mensagem vinha acompanhada de coordenadas precisas.

No dia seguinte, sem perder tempo, Oswald seguiu as instruções. A localização o levou a um alçapão isolado. Ele o abriu, revelando uma escada que parecia descer para sempre. Mesmo hesitante, Oswald seguiu em frente. Ao chegar ao fundo, encontrou três homens na sala.

— Olá! Sou Greg, aquele ali é George, e o outro se chama Nico — disse um deles, apresentando-se.

— Oi, sou Oswald — respondeu ele, ainda desconfiado.

Nico tirou um cartão magnético do bolso e usou-o para abrir uma porta. Depois de atravessarem vários corredores úmidos e estreitos, o grupo finalmente encontrou uma janela. Para a surpresa de todos, eles estavam no fundo do oceano.

— O que é isso? — sussurrou Greg, atônito.

Uma luz azul pulsante chamava a atenção do grupo. Nico, curioso, aproximou-se. Mas, antes que pudessem alertá-lo, um peixe colossal emergiu das sombras, abocanhando-o de imediato. A sala começou a inundar rapidamente.

Em pânico, os sobreviventes abriram a porta seguinte e nadaram o mais rápido que puderam, fugindo do predador. Quando finalmente se sentiram seguros, chegaram a uma grande sala de segurança. Uma mensagem ecoou pelos alto-falantes:

“Para os prisioneiros que buscam liberdade e redenção, o Cristal de Energia está na sala seguinte. Para o pai em busca de seu filho, olhe ao seu lado. Quando o cristal for removido de seu pedestal, a energia será cortada, e será necessário ativá-la manualmente no mar aberto, consertando os cabos externos.”

Oswald virou-se e viu, pela primeira vez, seu filho. Embora ainda não pudesse abraçá-lo, acenou com um alívio silencioso. O grupo se preparou para a missão. Cada sobrevivente tinha um papel: eles deveriam consertar os cabos de energia no fundo do mar para restaurar a luz e garantir a fuga.

Enquanto trabalhava nos reparos, Oswald foi cercado por um grupo de tubarões-touro. Quando o ataque parecia inevitável, George se sacrificou, empurrando Oswald para longe enquanto era despedaçado pelas criaturas. Com lágrimas nos olhos e um peso no coração, Oswald terminou o conserto do último cabo.

Os sobreviventes voltaram ao submarino de emergência, onde escaparam para a superfície. No entanto, ao chegar, foram ameaçados: caso divulgassem o que haviam vivenciado, seriam mortos.

De volta à terra firme, Oswald e seu filho finalmente puderam conversar. Decidiram abandonar o passado e retomar suas vidas. Para marcar o reencontro, foram ao McDonald's — um momento simples, mas que simbolizava o retorno à normalidade que tanto haviam perdido.

O Farol da Morte

Por José de Assis

*Escrever é que é o verdadeiro prazer; ser lido é um
prazer superficial.*

Woolf, Virginia

Meu nome é Tiago, e por anos fui o faroleiro de um isolado farol na costa francesa. A solidão e o silêncio do mar eram minha companhia. Naquela noite, como de costume, liguei a luz do farol e ativei o modo automático. Estava tranquilo, até notar um barco desconhecido se aproximando. Não deveria haver embarcações naquela área, mas ele apagou suas luzes e desapareceu nas sombras.

Acordei de madrugada, inquieto. Sentei-me à mesa e comecei a registrar minhas reflexões no diário. O farol parecia mais sombrio do que o normal. Foi então que ouvi passos vindos do lado de fora. Levantei-me, hesitante, tentando me convencer de que eram apenas as ondas batendo na estrutura. Mas o som continuava, nítido e sinistro...

..

Agente Leandra, chefe de investigações portuárias, recebeu a ligação.

— Alô? Quem fala? — perguntou, intrigada.

— Aqui é Antenor. Preciso de sua ajuda urgente.

— Onde? E por quê?

— Venha ao farol. Um faroleiro foi encontrado morto, e a luz do farol foi sabotada. Os navios da rota noturna colidiram,

causando 347 mortes. Um deles levava uma carga de grande valor.

Naquela noite, Leandra e sua equipe chegaram ao local. O farol estava cercado por destroços de embarcações naufragadas e corpos boiando entre manchas de petróleo. Antenor os recebeu com expressão grave e os guiou até o farol. Lá dentro, o corpo de Tiago estava caído ao lado de uma mesa, rodeado por sangue e cacos de vidro. Havia sinais claros de uma briga violenta.

— Este é Tiago, nosso faroleiro. Ninguém sabe como morreu.
— Antenor mostrou um diário ensanguentado. — Ele sempre foi reservado, mas registrava tudo aqui.

Leandra pegou o diário com cuidado e notou que a última página estava incompleta. "Escutei passos... acho que vou me escon". A anotação terminava abruptamente.

Após uma noite agitada, Leandra decidiu revisar as evidências no hotel. O diário de Tiago parecia ser a peça-chave. Enquanto lia, notou um detalhe: o faroleiro mencionava um barco não autorizado nas proximidades. "Esse navio... estaria ele relacionado às cargas valiosas?", pensou.

No dia seguinte, as investigações continuaram. Não havia indícios de carga valiosa nos navios naufragados, o que levantou suspeitas. Após várias pistas cruzadas, dois homens foram apontados como suspeitos: um barbudo com histórico de furtos e um tripulante do barco misterioso.

— O barbudo matou Tiago e desligou a luz do farol para roubar as cargas, — explicou Leandra, olhando para os colegas.
— Mas o tripulante era um espião da empresa rival do navio com os valores.

Sem provas conclusivas, o barbudo foi liberado. A investigação parecia ter atingido um impasse.

..

Na noite seguinte, durante uma reunião na casa de Antenor, o mistério tomou um rumo inesperado. Enquanto todos tomavam café, Antenor começou a passar mal e desmaiou.

— O café está envenenado! — gritou um dos agentes.

Nesse momento, o tripulante suspeito correu para fora, trancando a porta atrás de si. Enquanto a equipe lutava para escapar, Leandra percebeu que a morte de Tiago e o desastre dos navios eram parte de uma trama maior, envolvendo espionagem, sabotagem e um crime premeditado.

Tiago não era apenas uma vítima. Ele sabia demais.

Belas Almas

Por Giovanna Malgarin

*É bom escrever porque reúne as duas alegrias:
falar sozinho e falar a uma multidão.*

Pavese, Cesare

Cada flash das câmeras e cada pergunta dos repórteres aterrorizavam Sarah Pole. A antiga segurança que sentia no mundo havia desaparecido desde a manhã em que sua filha, Elouise, fora encontrada mutilada. Nada mais fazia sentido, e os consolos da detetive não tinham efeito: Elouise estava morta.

Naquele dia, Sarah foi obrigada a dar três depoimentos. Os detetives estavam longe de uma conclusão, e Sarah sabia disso. Semanas depois, incapaz de suportar a ausência da filha, decidiu voltar ao orfanato onde havia adotado Elouise. O local estava escondido e decadente, cercado por mato. O som agudo dos portões enferrujados ressoou, aumentando sua aflição.

Na entrada, as irmãs Ana e Clara, que administravam o orfanato, a receberam com olhares compreensivos e promessas de oração. Mas a atenção de Sarah se fixou numa garotinha loira, sentada em um canto da sala, brincando com um urso de pelúcia de pelos negros. A menina lembrava tanto Elouise que Sarah, impulsivamente, perguntou se poderia adotá-la. Irmã Ana sorriu, visivelmente aliviada, e saiu apressada para falar com Clara.

Sarah achou a reação das freiras estranha, mas estava tão tomada pela dor que ignorou o sentimento de desconfiança. Em poucos minutos, as irmãs retornaram e, quase sem formalidades, permitiram que ela levasse a garota. Mais tarde, naquela mesma noite, Sarah dirigiu para casa com a menina no banco de trás. O silêncio entre elas era pesado, a jovem olhava pela janela com uma expressão enigmática, como se quisesse saltar do carro.

Nos dias seguintes, a obsessão de Sarah com a nova filha só cresceu. A garota, que Sarah insistia em chamar de Elouise, se movia pela casa como um fantasma, parada diante da porta do quarto de Elouise sem jamais entrar. Sarah, consumida pelo luto, passava os dias na cama, sonhando com momentos que nunca voltariam. A cada instante, ficava mais dependente da presença da menina, mesmo sabendo que ela não era sua verdadeira filha.

Enquanto isso, Carol, a detetive responsável pelo caso, revisava todas as evidências, determinada a encontrar respostas. Certo dia, uma jovem estagiária entrou em seu escritório com um relatório do legista. Ao ler uma nota sobre fibras de nylon negras, típicas de um urso de pelúcia antigo, Carol teve um estalo.

Ligou imediatamente para Sarah, mas a mulher não atendeu. Estava no mercado, distraída, e não ouviu o telefone. Ao chegar em casa, viu que tinha várias chamadas perdidas e ligou de volta. A estagiária atendeu em prantos, explicando que Carol havia sofrido um acidente. O carro da detetive colidiu numa casa após o freio ter sido sabotado. Carol estava a caminho de falar algo importante sobre o caso.

Nesse momento, Sarah sentiu o cheiro de fumaça. Correndo até a origem do fogo, viu que o quarto de Elouise estava em chamas. O desespero a tomou, e ela correu para lá. As lembranças e o terror nublavam sua mente, quando, de repente, sentiu uma pancada na cabeça.

A última visão de Sarah foi a da garota, segurando uma machadinha ensanguentada, enquanto se afastava lentamente, deixando a casa arder em chamas.

“Eu sou Elouise”, sussurrou a menina antes de desaparecer na noite.

A Máscara de Halloween

Por Laura Chang

Essas coisas estão no futuro.

Sófocles, Antígona

30/10/1968

— Julia?

O silêncio foi a única resposta. Apesar disso, eu tinha certeza de que ela estava ali; afinal, dormíamos no mesmo quarto. Por que não me respondia?

— Julia, você está aí? — minha voz saiu trêmula e hesitante.

Levantei-me devagar para não a acordar — caso estivesse ali, apesar da certeza de que não estava. Acendi a luz, mas a claridade repentina me fez sentir uma leve vertigem. Pisquei algumas vezes e então vi sua cama desarrumada, mas vazia. Saí do quarto, descendo até a cozinha.

— Julia, não estou brincando! Apareça! Sei que você está aqui!

Acendi a luz da cozinha, mas novamente, ninguém.

— QUE SOM FOI ESSE? — gritei, tomada pelo medo.

Corri até a janela, que dava vista para a floresta atrás da nossa casa. Meus olhos arregalaram-se ao ver algo pequeno se movendo entre as árvores. A figura se levantou e revelou-se, ensanguentada, devorando o cachorrinho da vizinha. Fiquei paralisada, tremendo, enquanto assistia àquela cena terrível.

— O QUE É ISSO? — meu grito ecoou pela casa.

Sem meus pais em casa para perguntar o que estava acontecendo, subi correndo para o quarto e me tranquei lá. Tentei racionalizar. “Deve ser um urso”, pensei, tentando me convencer. E Julia? Talvez nossos pais tenham vindo buscá-la enquanto eu dormia.

31/10/1968 – Halloween

Com o que vi na noite anterior, não consegui dormir. Passei metade da noite tremendo, sentindo que algo estava errado. Pela manhã, ouvi uma voz familiar.

— Bom dia, J.J!

Levei um susto. Era o apelido que só Julia me chamava. Mas como? Meus pais só voltariam hoje...

— JULIA, VOCÊ ESTÁ AQUI?

— Sim. Por que não estaria?

— Onde você estava ontem?

— Aqui, ué. Onde mais?

— Não! Tenho certeza de que você não estava aqui! Eu procurei por você, e você não estava em casa! Diga a verdade!

Ela apenas sorriu, deixando-me ainda mais perplexa. Minha mente girava com perguntas. Será que eu estava imaginando tudo?

— Você sabe se nossos pais já chegaram? — perguntei.

— Não. Nem saí do quarto desde que acordei.

— Hoje é Halloween, né?

— Sim. Meu dia preferido! É quando todos podem se esconder e se vestir do jeito mais estranho possível.

— Claro... — respondi, desconfiada.

À tarde, comecei a me arrumar para o trick or treat. Escolhi uma fantasia de caveira mexicana, enquanto Julia saiu antes de mim, fantasiada de Pânico. Assim que terminei, encontrei Olivia, minha vizinha.

— Jessie! Achei que nunca fosse terminar de se arrumar! — reclamou Olivia.

— Para de drama — brinquei.

Começamos a ir de casa em casa, mas, estranhamente, eu não via Julia em lugar nenhum. Apenas outras pessoas com a mesma fantasia de Pânico. Meu desconforto aumentou quando recebi uma notificação no celular:

"AVISO: ANIMAL NÃO IDENTIFICADO ATACANDO ANIMAIS NA CIDADE."

Levei um susto, mas acreditei que tudo poderia estar relacionado ao que vi na floresta.

Noite de Halloween

Enquanto todos voltavam para casa, decidi observar da varanda, tentando avistar o animal. Meu coração disparou quando o vi entre as árvores. Eram 23h56 quando percebi:

— MINHA IRMÃ?!

Não podia ser. Chamei a polícia imediatamente. Em pouco tempo, chegaram ao local e atiraram. Fiquei em choque ao ouvir o disparo.

Vi os policiais se aproximarem do "corpo". Um deles gritou:

— É só um urso! Relaxem!

Só um urso? Como isso era possível? Eu tinha certeza de que era Julia!

Passei dias insistindo na minha versão, mas ninguém acreditou. Minha convicção fez com que me levassem ao lugar onde todos os “loucos” vão: o hospício.

Agora me pergunto, sozinha em meu quarto: era mesmo minha irmã?

Fios de Desconfiança

Por Rafael Lino

*Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele,
envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e
pingou-lhe o veneno na boca.*

De Assis, Machado

Mário e Luíza eram um belo casal e, além disso, amigos meus. Nunca imaginei que Mário fosse capaz de fazer o que fez comigo.

Em um dia aparentemente normal, cheguei em casa e vi minha esposa, Maria, agindo de forma estranha com o celular. Ela estava flertando com alguém pela tela e isso me causou um desconforto imediato. Perguntei:

– Com quem você está falando?

– Ninguém, amor, só estou vendo minha conta do banco. Estou sem um centavo.

Ela riu, mas algo não parecia certo.

Após o jantar, tomei um banho e fui para a cama. No entanto, encontrei um fio de cabelo loiro na almofada, exatamente da cor do cabelo de Mário. Algo estava errado, mas eu preferi não pensar muito sobre isso.

No dia seguinte, acordei e percebi que Maria não estava ao meu lado. Isso me pareceu estranho, então gritei:

– Mariaaaa!

– Oi, Cleber! Estou preparando o café da manhã.

Quando desci, tomei meu café – um simples pão com ovo. E novamente, outro cabelo loiro apareceu. A suspeita de que algo estava acontecendo com Mário começou a crescer.

De repente, percebi que o pão com ovo parecia ter algum remédio para dormir. Fiquei tão sonolento que fui me deitar. Quando acordei, já tinha passado muito tempo. Chamei por Maria, várias e várias vezes, mas ninguém respondeu.

Após uma hora, recebi uma ligação de Luíza, me chamando para um churrasco. Ao chegar lá, encontrei Maria e, sem pensar, perguntei:

- Maria?
- Oi, Cleber?
- O que você já está fazendo aqui?
- Você estava dormindo, então vim na frente.
- Ah, ok.

No caminho até o carro, percebi mais um fio de cabelo loiro, desta vez no ombro de Maria. Isso não era coincidência. Mais uma vez, a dúvida sobre uma possível traição surgiu. Perguntei:

- Você está me traindo?
- Não, claro que não.

No dia seguinte, fui para o trabalho e, ao voltar para casa, me deparei com uma cena que não esperava: Maria e Mário estavam se beijando. Gritei:

- Mário, Maria!
- Não, amor, não é isso que você está pensando.
- Se você não falar a verdade, vou dar um tiro nos dois!
- Que verdade?

– Você sabe muito bem a verdade!

Eles continuaram tentando negar, mas eu já não conseguia mais controlar minha raiva.

Então, saquei a arma e disparei contra os dois.

A polícia chegou logo depois e me prendeu. No tribunal, o juiz decidiu que a pena seria de 20 anos de prisão. Estou escrevendo essa história agora, ainda cumprindo os cinco anos restantes.

O Último Suspiro de Confiança

Por Rafael Castro

*O gosto da descoberta e da perseguição está
entre os instintos fundamentais do ser humano.*

Paes, José Paulo

Jamais imaginei que minha vida poderia piorar após aquele fatídico acidente...

Era uma tarde comum. Eu havia acabado de sair do apartamento da tia Mary, onde ela me ajudava com aulas particulares, já que, após o trauma que vivi há quatro meses, não conseguia mais frequentar a escola. Minha tia sempre foi minha maior apoiadora, mas, depois do que aconteceu, minha vida virou um caos. Já havia limpado todo o apartamento e esperava por notícias.

Foi então que ouvi um estalo de vidro quebrando, seguido de gritos de um homem. Curioso e preocupado, decidi investigar. O cheiro de sangue tomava conta do corredor, vindo da portaria e do salão de festas. Quando olhei para as paredes, notei manchas de sangue por todo lado. Imediatamente, uma ideia me ocorreu: vovô, que morava comigo, provavelmente teria subido pelas escadas. Eu havia descido de elevador. Ele sempre preferia as escadas.

Corri até o nosso apartamento, mas não o encontrei. Nervoso, liguei para a síndica, pedindo acesso às câmeras de segurança para tentar entender o que estava acontecendo. O que vi nas imagens me deixou apavorado. Pessoas encapuzadas, com a sigla MMF estampada nas roupas, estavam com meu avô nos últimos registros. Depois disso, as câmeras da área comum pararam de funcionar.

A sensação de impotência me consumia. Fazia dias que não ia à escola por medo, ansiedade e pela solidão do meu apartamento. Tia Mary ainda me ajudava de vez em quando, mas eu precisava fazer algo. Não podia esperar mais.

Decidi tomar as rédeas da situação e contratei um detetive, recomendado por amigos: Scott Lores, especializado em casos de sequestro e conhecido por prender até chefes da Yakuza. Ele aceitou o caso de graça e me deixou acompanhá-lo nas investigações, pois já estava acostumado com esse tipo de trabalho. Marcamos um encontro em seu escritório, e logo começamos a investigar.

No banco de dados, encontramos um nome muito parecido com o de meu avô. A única diferença era o sobrenome. “Fork” havia sido substituído por “Trap”. Scott me olhou, desconfiado, e perguntou se eu confiava nele para investigar por conta própria, enquanto eu o acompanhava.

Ingênuo, aceitei, sem saber o que estava prestes a acontecer.

Chegamos a Londres e avistamos de longe um segurança com uma jaqueta da MMF, a mesma sigla das pessoas que estavam com meu avô naquela noite. O segurança jogou algo no lixo, um saco que dizia “Lixo dos cadáveres”, antes de entrar em um galpão. Scott me sussurrou:

— Vamos esperar dois seguranças saírem. Você os distrai e eu os nocauteio. Aí entramos no galpão para investigar. Se algo der errado, grite por mim. Você consegue distrair eles?

— Claro, eu farei o que for preciso para encontrar o meu avô.

A operação parecia simples, mas tudo saiu do controle. Eu fiz o barulho que combinamos, batendo tampas de lixo, e os dois seguranças correram para me pegar. Um me segurou enquanto o outro me golpeava. Gritei por Scott até perder a consciência.

Quando acordei, estava em uma sala fria, com um cheiro nauseante. Fingi estar inconsciente para ouvir a conversa dos capangas ao meu redor.

— O que vamos fazer com o cadáver do velho que a chefe pediu? — perguntou um dos homens.

— Não sei, mas ela disse para aguardarmos sua chegada antes de acordarmos o garoto.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo: havia um cadáver na sala, e eles estavam esperando pela chegada da chefe.

A porta se abriu e, agora, havia cinco pessoas na sala. Ouvi uma voz áspera e fria:

— Saiam, mas obrigada por fazerem parte do meu plano. Quanto a você... fez tudo do jeito que planejamos. Tirem as vendas dele.

Assim que abri os olhos, vi o corpo de vovô empalhado ao lado de Scott e da tia Mary.

— Por quê, tia? Scott, o que você está fazendo aqui? — perguntei, completamente atônito.

— Ora, ora... Não é o assassino? A criança que botou fogo na casa, matando a avó e os pais, achou que o apoio do avô ia salvar você? — Mary respondeu, com um sorriso cruel.

— Tia, foi um acidente! Mamãe me pediu para pegar o álcool para o fogão e, sem querer, acabei esguichando no fogo, o que provocou a explosão. Vovô me ajudou, porque ele sabia que eu não tinha culpa. Por que me sequestrar e matar vovô, tia? E Scott, por que fez isso comigo?

Scott olhou para mim, com um olhar indiferente.

— Eu na verdade não sou da polícia, Nicolas. O número da polícia que você viu era de uma agência da Máfia Mary Forks. A

pessoa que devia ser um policial era, na verdade, um assassino de primeira classe.

— Isso mesmo — disse Mary. — Eu matei seu avô porque ele queria dar uma segunda chance à pessoa que assassinou minha mãe, meu irmão e minha nora. Você nunca foi importante para mim. Só uma prova do porquê eu preciso da minha máfia para este mundo onde assassinato não significa nada. Se você me chamar de louca, posso garantir: não sou.

Ela fez uma pausa e continuou:

— Temos infiltrados da máfia por toda a Inglaterra, inclusive na polícia, que está fazendo um mandado de busca por homicídio doloso de Nicolas Jack Wit Fork. Reconhece esse nome?

— Por favor, tia... Não faça isso comigo! Não me deixe enlouquecer naquela jaula como antes! Eu imploro!

— Pensou nisso antes de cometer o assassinato, não é? Eu tentei te prender antes, mas seu avô já tinha sido juiz do Supremo Tribunal e se escondia para fugir de várias mafias que queriam sua morte. Isso foi uma das partes mais difíceis do meu plano. Ele conseguiu convencer todos os juízes de Londres a não aceitarem meu pedido, então eu tive que matá-lo para poder te prender, mas também para te causar mais dor. E quanto a você... quando atingir a maioridade, será condenado à pena de morte.

Antes que eu pudesse responder, a porta se fechou e a escuridão tomou conta de tudo.

Hoje, faço 18 anos e estou prestes a ser executado na cadeira elétrica. Fui um bom presidiário e pude escrever uma carta para um ente querido, mas não tenho ninguém. Então, escrevi esta carta, na esperança de que alguém leia minha história.

O que tenho a dizer é: nunca confie em alguém 100%, pois ela pode acabar te matando pela sua própria confiança.

Fork Nicolas, 04/19/1968.

Máscara de Carnaval Pintada

Por Rafael Gominho

*Os fatos explicarão melhor os sentimentos, os fatos
são tudo.*

De Assis, Machado

As pessoas, às vezes, parecem não ter escrúpulos em matar. Comecei a acreditar nisso depois do Crime Veneziano 041. Escrevo isso em minha casa, mas nunca se esqueça: as pessoas não têm escrúpulos em matar. Percebi isso aos 28 anos, quando esse crime aconteceu em 1898, nas primeiras horas da manhã, sob a cidade da luz.

Era 5 de novembro de 1898. Naquela época, eu era considerado o melhor detetive de Paris, um dos melhores espadachins e atiradores. Mas vamos ao que aconteceu. Nesse dia, meu chefe me chamou para conversar em seu escritório.

— Levi! - falou meu chefe, animado.

— O que foi dessa vez, “papai”? - falei de maneira mal-educada.

— Há um trabalho para o melhor detetive de Paris.

— Qual?

— Há um assassino à solta nas catacumbas da cidade.

— Espera, por que eu?

— Ora, você é o melhor do departamento.

— Mas mesmo assim, só eu?

— Eu sei o que está pensando... não é preguiça.

- Para de chorar!
- Nem estou chorando!
- Você entra e prende o assassino, simples assim.
- Está bem, já estou indo.

Enquanto ia para o local, lembro da máscara do chefe no carnaval veneziano, a qual ele tinha usado para se esconder de sua corrupção. Eu sempre soube que ele era sujo, e, se eu tivesse uma chance, ele teria que ser preso. Mas isso viria depois.

Quando cheguei, encontrei uma placa: "Oi, mendigo, se esconda da chuva aqui." Não pude deixar de pensar: "Se eu fosse mendigo, iria para uma cafeteria."

Dentro das catacumbas, o cheiro era insuportável – uma mistura de bosta de vaca, peixe e um toque de banheiro químico. Cadáveres estavam pendurados no teto, com um sorriso esquelético pintado em seus rostos. O cheiro quase me fez vomitar, mas por sorte, eu tinha um lenço amarrado no pescoço para cobrir nariz e boca. A umidade aumentava à medida que eu avançava, e no caminho, encontrei uma máscara veneziana rosa, com detalhes em vermelho, parecendo a do meu chefe. Havia outras ao redor, todas com entalhes de Veneza e plumas laranjas. Mais adiante, vi um serrote e uma faca enferrujada pendurados. "Se não matar no corte, mata no tétano", pensei.

Cheguei ao fim do túnel e escutei um "peekaboo". Ao virar, vi uma figura alta usando uma máscara veneziana, similar à do meu chefe. Ele estava acompanhado de outro homem, morto. Naquele momento, percebi que o assassino era meu chefe. Eu tentei fugir, mas ele pegou uma rapieira debaixo de um cadáver.

Corri até uma sala de espelhos, e fiquei bravo. Como eu conseguiria encontrar ele aqui? Antes que pudesse pensar, senti uma dor na minha perna, um corte não muito profundo, mas o suficiente para me fazer gritar. Tive uma ideia: faria ele quebrar os

espelhos. Ele tentaria me acertar e erraria. Eu era ágil e sabia como me defender.

Corri até o local das máscaras, onde havia um balde no teto. Se eu derrubasse o conteúdo, poderia revelar a identidade do assassino. Quando fiz isso, a máscara perdeu sua cor, e percebi que ela era a mesma do meu chefe, Charrière. Sua face era idêntica.

Com raiva, perguntei:

— Por que isso?!

— Para que esses cachorros da rua morram.

— O que eles fizeram?

— Você veio para me prender, não é? - Ele riu.

— Claro, você me denunciou para o governo francês.

Ele jogou uma rapieira para mim, que estava presa na parede. Por sorte, eu era bom com espadas. Ele começou a atacar com fúria, mas seus golpes eram desajeitados. Ele não sabia lutar. Eu o esquivava facilmente. Ele tentou mudar a estratégia, mirando na minha cabeça, mas seu primeiro ataque foi tão forte que quase me atingiu. Aproveitei a oportunidade, desloquei minha espada e o empalei no peito.

— Eu subornei todos os seus @#@\$#@#. — disse ele, antes de cair, morto.

— Olha a boca — respondi.

Eu o arrastei até a rua e senti um alívio, mas algo inesperado aconteceu. Quando estava subindo as escadas para a rua, levei um golpe que me desmaiou.

Ao acordar, vi o chefe da polícia francesa sentado à minha frente. Eu também estava em uma cadeira. Ele me perguntou sobre o crime, e eu contei tudo o que tinha acontecido. Sua

expressão era forçada, e logo chamou o hospício. Como meu chefe havia dito, ele estava subornado. Quando os homens chegaram para me levar, o chefe da polícia sorriu de canto de boca.

EPÍLOGO

Passei 60 anos no hospício até que duas mulheres me disseram que eu finalmente sairia, porque Charrière subornou todos antes de morrer para me manter lá, longe de qualquer credibilidade. Como compensação, me deram 50.000 francos.

Com o dinheiro, comprei uma casa em Lyon e tentei viver em paz, mas tem sido difícil me adaptar. Eu acho que nunca mais serei o mesmo. Às vezes, penso que o melhor seria acabar com tudo...

Levi.

O Tardar da Justiça

Por Rafael Dardene

É engraçado ver em que a gente se agarra para suportar o terror quando está cercado por ele

Baldwin, James

Naquele dia ensolarado, estávamos brincando na rua e, como de costume, chamamos as outras crianças do bairro para se juntar a nós. Mas, como sempre éramos vistos como os "estranhos", ninguém aceitou. Restavam eu e ele, e decidimos improvisar: corridas de bicicleta seriam o nosso passatempo.

Antes mesmo de subir na bicicleta, um barulho ensurdecador e um clarão vindo da casa mais imponente da rua nos congelaram no lugar. Olhamos um para o outro, compartilhando o mesmo impulso curioso típico de garotos de 13 anos.

— Vamos lá, Juan! — falei, animado.

— Tem certeza disso? — ele perguntou, receoso.

— Tenho! Certeza é meu sobrenome!

Aproximamo-nos da casa. Tudo estava silencioso demais. Pela janela aberta da sala, vimos o corpo de um homem caído no chão. Meu coração disparou. Encontrar uma forma de entrar foi mais fácil do que deveria: uma janela destrancada cedeu à nossa empolgação.

No entanto, antes que pudéssemos explorar o cenário, o som das sirenes nos fez sair às pressas, temendo as consequências. No dia seguinte, tentei seguir com minha rotina. Entre as brigas constantes dos meus pais e a escola, não tinha tempo para pensar no que havíamos visto. Até que, no meio da aula, a porta se abriu com violência.

— Carlos Suárez e Juan Martínez? — a voz grave de um tenente das forças especiais preencheu a sala.

Hesitamos, mas levantamos as mãos. Em segundos, fomos algemados e levados sob o olhar incrédulo de nossos colegas de classe. No caminho, liguei para meu pai, que era advogado.

— O que está acontecendo? — ele perguntou, alarmado.

— Estão dizendo que matamos Diego Vaca, dono do Instabook!

Meu pai ficou em silêncio por um momento, e então respondeu:

— Não falem nada até eu chegar.

A delegacia estava cercada por jornalistas. Local, nacional, internacional... Todos queriam uma declaração sobre o crime que abalava o continente. No interrogatório, meu pai tentou argumentar com os policiais:

— Eles são só crianças! Quais são as provas? — questionou.

— Encontramos digitais e cabelos deles na cena do crime — respondeu o delegado, sem demonstrar empatia.

Os dias se transformaram em semanas. As acusações ganhavam força na mídia, e a opinião pública já nos condenava. Até que, em uma reviravolta inesperada, meu pai surgiu com uma nova pista.

— Sérgio Sainz, sócio de Diego Vaca, pode estar envolvido — revelou ele. — Tenho uma gravação em que ele ordena: "Limpe a cena do crime, custe o que custar."

Isso desencadeou uma operação policial urgente. Ao chegar à casa do crime, os agentes encontraram um cenário devastado: a cena havia sido meticulosamente limpa, e um policial estava ferido. Pegadas levaram os investigadores até uma floresta próxima.

No fim da trilha, encontraram um prédio abandonado. De lá, viram chegar um comboio de carros. Sérgio Sainz desceu de um deles, acompanhado por seguranças armados. A polícia organizou uma emboscada e, após uma **intensa troca** de tiros, Sainz foi capturado. Ferido e ensanguentado, ele foi levado ao hospital e depois fichado.

Apesar de sua confissão e prisão, o processo se arrastou por 15 anos. Quando finalmente a justiça foi feita, senti alívio. Meu filho havia conseguido uma bolsa no melhor colégio da Cidade do México. Mas Juan... Ele desapareceu assim que fez 18 anos. Como chefe da Polícia Federal, investi todos os recursos disponíveis para encontrá-lo, mas sem sucesso.

A justiça, para mim, tardou, mas não falhou. Já para Juan, temo que ela nunca chegue.

O Eco do Pentagrama

Por Perci Ferreira

*A descida até o lugar onde somos capazes de
tudo é, por vezes, um desmoronamento lento misturado à
banalidade dos dias.*

Madeira, Carla

Damian fixou seus pequenos olhos em seu pai, que se afastava da velha casa no coração da floresta. As sombras das árvores dançavam à luz do entardecer, projetando formas assustadoras nas paredes de madeira desgastada. Ele não sabia para onde o pai ia, apenas que sempre voltava tarde, cansado e calado.

Horas passaram. O som de um galho seco se partindo ecoou na escuridão. Damian congelou. Foi até a janela da cozinha e viu algo que não estava lá antes: uma corda com um nó de força pendurada em uma árvore. Seu coração acelerou. Sentiu um arrepio subir pela espinha ao perceber uma presença sombria emergindo da floresta.

A figura era alta, quase três metros, com um saco de pano cobrindo-lhe a cabeça. Dois buracos onde os olhos deveriam estar pareciam fendas para um vazio sem fim. Na testa, um pentagrama vermelho manchado de sangue. Suas vestes eram tão desgastadas quanto macabras: um casaco preto desabotoado, botas sujas, e luvas que pareciam ter absorvido o sangue de incontáveis vítimas.

Damian mal conseguia respirar. Suas pernas estavam petrificadas. Depois de alguns segundos, recuperou-se o suficiente para correr para o porão. Trancou-se ali, mas a porta estava quebrada, deixando uma fresta perigosa. Ele se encolheu entre

caixas velhas e remédios psiquiátricos vencidos, tentando silenciar sua respiração.

Vidros se quebraram na cozinha. Passos pesados ecoaram pelo andar de cima. Eles se aproximavam. A porta do porão rangeu, e Damian viu a figura, agora menor, mas ainda ameaçadora, parada na entrada. Antes que ele pudesse reagir, foi capturado por uma rede que parecia ser feita de sombras.

Damian despertou em uma sala escura e úmida, com paredes manchadas por algo que parecia ferrugem... ou sangue. Uma pequena abertura na porta metálica servia de entrada para a luz fraca e uma bandeja de comida. A carne tinha uma aparência grotesca e um cheiro insuportável. Quando deu uma mordida, um gosto horrível invadiu sua boca.

Uma voz rouca e distorcida surgiu de fora da cela:

— Não gosta do saboroso amor de seu pai?

Damian deixou o pedaço cair e desatou a chorar. As palavras ecoavam em sua mente. Estaria ele comendo... o pai? O desespero tomou conta, e ele encolheu-se novamente no canto, soluçando até o cansaço levá-lo ao sono.

Ao acordar, a porta da cela estava aberta. Ele hesitou, mas logo correu pelo corredor estreito e mal iluminado. Lá fora, a floresta o aguardava. Avistou uma caminhonete e disparou em sua direção, mas os passos da figura ecoavam atrás dele, cada vez mais próximos. O terror aumentava. Ao olhar para trás, viu que agora ela tinha apenas um braço, mas a rede sombria ainda estava firme em sua mão restante.

Damian correu até o lago, mas percebeu tarde demais que estava cercado. Não havia para onde fugir. A figura o alcançou,

agarrando-o pelo pescoço. Sentiu o mundo girar enquanto era novamente colocado na rede.

De volta à estrutura, Damian foi trancado em uma caixa. Sentiu-a ser arrastada por um longo tempo até que foi aberta à beira do lago. Ele viu sua chance e pulou na água gelada, nadando desesperadamente. Quando alcançou a outra margem, a figura ainda o observava, imóvel.

Damian fugiu, desaparecendo na escuridão da floresta. Ninguém sabe o que aconteceu com ele. Alguns dizem que conseguiu escapar. Outros acreditam que a floresta amaldiçoada guardou para sempre sua alma.

A Verdade Sob a Sombra

Por Samuel Freire

De modo contrário ao que dizem, porém, existem coisas que morrem somente depois da última esperança desaparecer.

Reiners, Joca

Era um dia normal, como qualquer outro, quando, de repente, o jornal noticiou um assassinato que havia ocorrido em uma praça. A polícia já tinha suspeitos. Jack, um aluno do ensino médio, achou o caso interessante, pois a vítima só foi descoberta cinco minutos após sua morte, embora a praça estivesse lotada, com pelo menos quarenta pessoas presentes. Decidido a entender mais sobre o ocorrido, Jack começou a pesquisar sobre o caso.

Uma semana depois, a polícia incriminou um suspeito, que poderia pegar uma pena de 15 anos ou mais. No entanto, Jack percebeu que algumas provas não eram convincentes. Mesmo não sendo um especialista, procurou o acusado para entender melhor os detalhes e tentar ajudá-lo a evitar a prisão. Como o homem, chamado Augusto, não tinha muito dinheiro, aceitou a ajuda de Jack.

Depois de muitos questionamentos a várias pessoas, Jack encontrou um balconista que forneceu um álibi para Augusto. Esse depoimento foi suficiente para provar sua inocência. Os dois se tornaram amigos e decidiram se conhecer melhor. Foram ao shopping juntos, e Jack sugeriu levar outro amigo, Julian. O trio passou horas se divertindo.

Perto do horário de fechamento do shopping, Jack recebeu uma ligação da polícia. Ele se sentiu obrigado a atender. Os policiais fizeram diversas perguntas sobre o caso e sobre o motivo

de Jack ter defendido Augusto, mesmo sem ser advogado. Jack explicou que achava o caso intrigante e injusto, considerando que as evidências contra Augusto eram insuficientes. Impressionados, os policiais perguntaram se ele gostaria de ajudar na investigação. Ele aceitou e precisou deixar Julian e Augusto sozinhos no shopping.

Na delegacia, os policiais mostraram a faca usada no assassinato. Jack notou que ela pertencia ao restaurante onde Augusto trabalhava. Isso explicava por que ele havia sido incriminado. Além disso, os exames laboratoriais revelaram que o assassino era destro e usava um tênis Air Jordan, como o de Augusto. Jack começou a suspeitar: "Será que defendi o assassino sem perceber?"

Enquanto Jack lidava com suas dúvidas, Julian foi ao banheiro, deixando Augusto sozinho. Ao voltar, encontrou Augusto caído, com uma faca cravada no peito. Julian gritou por socorro, e os funcionários do shopping chamaram uma ambulância. Augusto foi levado ao hospital.

Jack ficou sabendo do ocorrido e visitou Augusto no hospital. Ele começou a pensar que o mesmo assassino poderia estar envolvido nos dois casos, mas também cogitou que Augusto poderia ter se esfaqueado para evitar ser incriminado novamente. Mais investigações revelaram que o método do ataque era idêntico ao do caso anterior. Augusto foi interrogado e passou por um detector de mentiras, que revelou que ele não conhecia o assassino, mas tinha alguma ligação com ele.

Após um mês de investigação, a polícia chegou a três suspeitos: um jovem de boné e camisa preta, outro vestido casualmente e uma pessoa com casaco preto, capuz e máscara. Todos estavam no shopping no dia do ataque. Jack achou estranho que o ataque tivesse ocorrido exatamente enquanto Julian estava no banheiro. Isso o levou a acreditar que o assassino esperava o momento perfeito para atacar.

Certa vez, Jack perguntou a Augusto como ele conseguira comprar um Air Jordan, já que dizia não ter dinheiro. Augusto explicou que gastara quase tudo o que tinha no tênis. Essa resposta não convenceu Jack completamente.

Jack mergulhou de cabeça no caso, tentando ligar as peças. Em outro momento, houve um assassinato em um prédio abandonado. Jack sentiu que era obra do mesmo assassino e convenceu a polícia a deixá-lo investigar.

O prédio tinha três andares. Cada policial ficou responsável por um andar, e Jack subiu ao terceiro. Com um walkie-talkie em mãos, comunicava-se com os outros. Quando percebeu uma movimentação suspeita, viu o assassino pular em sua direção, tentando esfaqueá-lo. Jack segurou o braço do criminoso e ficou em choque ao reconhecer Julian.

— Por que você faria isso?! — gritou Jack.

— Eu nunca fui seu amigo — respondeu Julian friamente.

Tomado pela fúria, Jack se jogou contra Julian. A faca caiu longe, e os dois começaram a trocar socos. Julian tentou recuperar a faca, mas Jack o segurou pelas pernas. A luta continuou, e Jack percebeu que era uma questão de vida ou morte.

Os policiais ouviram os barulhos e correram para o terceiro andar, percebendo que haviam esquecido de dar uma arma a Jack. Enquanto isso, Julian pegou a faca novamente, mas Jack arremessou uma cadeira contra ele, fazendo-o soltar a arma. Eles trocaram golpes até que Julian derrubou Jack, prestes a esfaqueá-lo. Nesse momento, os policiais chegaram e usaram um teaser para deter Julian, salvando Jack.

Julian foi condenado a 50 anos de prisão. Jack foi internado no hospital, onde dividiu o quarto com Augusto. Conversaram sobre o caso e a amizade. Augusto agradeceu a Jack por acreditar nele, e Jack declarou que sentia o mesmo. Os dois

tornaram-se melhores amigos e viveram o resto de suas vidas em paz.

As táticas de Julian em seus assassinatos, no entanto, nunca foram totalmente esclarecidas. Continuam um mistério até hoje.

FIM... ou não?

A Família Nem Tão Perfeita

Por Alice Dantas

O futuro é uma ficção que alimentamos ao longo de nossas vidas, algo para nos manter distraídos.

Reiners, Joca

Nessa carta, há coisas que nem eu sei, porque meu pai nunca quis me contar. Segredos e mais segredos... estou curiosa para saber o que ela esconde.

— Pai, o que é aquele papel branco em cima da bancada do seu quarto? — perguntei, ansiosa.

— É uma carta do seu tataravô, mas você não pode ler nem tocar nela. Está ouvindo? — meu pai respondeu, nervoso.

— O que tem nessa carta, querido? — perguntou minha madrastra, Júnia, com um tom falso de curiosidade.

— Não posso te contar. São informações muito valiosas sobre o meu tataravô — disse ele, tomando sua xícara de café antes de sair para o trabalho.

O mordomo, Bertram, ouvia a conversa atentamente enquanto servia o café da manhã. Seus olhos demonstravam um interesse incomum na carta. Júnia, tentando disfarçar, também parecia intrigada.

Mais tarde, papai me levou à escola. Júnia, o mordomo, o zelador e a cozinheira ficaram em casa. Quando voltamos, parecia que ninguém estava por lá. Procuramos por toda parte até encontrarmos Stefany, a cozinheira, e Lucas, o zelador, na cozinha.

— Stefany, pode preparar o almoço, por favor? Estamos com fome. Você viu Júnia ou Bertram? — perguntou o papai.

— Não, senhor. Acredito que a senhora Júnia esteja no quarto — respondeu ela.

— Também não vi ninguém pela casa — disse Lucas.

Enquanto procurávamos, vimos Bertram limpando a área da piscina e, pela janela, Júnia deitada, lendo um papel branco. Papai correu para verificar, mas era apenas um documento relacionado ao trabalho dela.

Naquela noite, já em casa, papai notou algo estranho. Depois de me colocar para dormir, foi direto ao armário verificar a gaveta onde escondia a carta.

— Ufa, ainda está aqui — sussurrou aliviado, mas o suficiente para que eu ouvisse.

— O que foi, papai? — perguntei, mas ele desconversou.

No dia seguinte, o inesperado aconteceu. Quando papai voltou do trabalho, abriu a gaveta e não encontrou a carta. Ele ficou furioso:

— Cadê a minha carta?! Foi você, Diana? Eu avisei para não tocar nela!

— Não fui eu, papai! Estava no meu quarto o tempo todo — respondi, assustada.

A desconfiança pairava sobre todos os funcionários da casa. Então, decidi investigar por conta própria. Vasculhei os pertences da cozinheira e do zelador, mas não encontrei nada suspeito. Contudo, ao mexer no celular de Bertram, descobri uma conversa comprometedoras entre ele e Júnia.

Júnia: Quando o Alex não estiver em casa, pegue a carta que está no fundo do armário.

Bertram: Ok.

Tirei uma foto da conversa para mostrar ao meu pai. Durante o almoço, levei-o para um canto e mostrei a prova. Ele ficou furioso.

— Cadê a minha carta, Júnia?! — gritou.

— Eu... eu só estava brincando com você... — ela tentou disfarçar, sem sucesso.

Papai ordenou que ela devolvesse a carta. Júnia foi buscar em suas coisas e a entregou a ele. Depois disso, ela arrumou suas malas e saiu de casa para nunca mais voltar. Bertram também foi demitido naquele mesmo dia.

Agora, a carta está segura novamente. Mas será que todos os segredos nela contidos permanecerão escondidos?

Superstar

Por Bianca Freire

*Escrita: arte de destelhar a casa sem que os transeuntes
percebam.*

Drummond, Carlos

O problema não era ela, mas algo que a acompanhava.

Clarice, mãe de Amélia, vestiu um elegante vestido verde, caminhou pela passarela e voltou para o camarim, como em qualquer outro dia de trabalho. Lá, fez carinho no cachorro que estava no set e, suspirando, começou a conversar com o animal sobre a exaustão do trabalho.

— Mãe, vamos ao shopping amanhã? – perguntou Amélia, entrando no camarim.

Clarice hesitou antes de responder. A filha sempre teve um interesse peculiar por dinheiro, algo que ultrapassava a curiosidade normal. Sua obsessão era assustadora.

Certo dia, Amélia perguntou, com olhos brilhando de excitação:

— Se você morrer, o dinheiro vem para mim? Não tem outro herdeiro, né?

A pergunta deixou Clarice sem palavras. Ela não respondeu, preferindo ignorar.

Enquanto caminhava pelo set, Amélia começou a ver vultos pretos ao longe. A princípio, tentou ignorar, mas os vultos continuavam aparecendo. No caminho para casa, ela fez comentários banais, mas Clarice, como de costume, ignorou.

Os dias passaram, e os vultos se tornaram mais constantes. Desesperada, Amélia rezou para seu pai falecido, desaparecido no mar há anos. O corpo dele fora encontrado meses depois, pálido e sem vida, submerso nas águas frias.

Na manhã seguinte, uma voz baixa sussurrou no ouvido de Amélia:

— Olhe para o elevador.

Ao virar, viu um homem completamente vestido de preto. Piscando os olhos rapidamente, ela tentou se convencer de que era imaginação. Quando olhou novamente, o homem havia desaparecido.

— A noite passou, mas o mistério persistiu. Amélia tentou mais uma vez conversar com Clarice, mas a mãe não estava em casa. Apenas Lúcia, a empregada, cruzava a cozinha quando, de repente, Amélia caiu no chão convulsionando.

— Meu Deus, o que está acontecendo?! – gritou Lúcia, correndo para socorrê-la.

Enquanto buscava o telefone para chamar a ambulância, abriu a porta do elevador e soltou um grito aterrorizado:

— Ai, meu Deus! AAAAAHHHH!!!

Lá estava Clarice, caída no chão, sem vida, o rosto pálido e os olhos vazios. Lúcia, com Amélia nos braços, sentou-se no canto da parede, em prantos. Ambas as patroas estavam mortas.

A autópsia revelou que Amélia tinha um grande tumor cerebral, o que explicava os vultos, as vozes e, possivelmente, a convulsão fatal. Quanto a Clarice, a causa da morte foi asfixia, mas o culpado continuava desconhecido.

No dia do enterro, Lúcia chorou sem parar. Enquanto olhava para os túmulos, avistou um homem vestido de preto, escondido atrás de uma árvore. Ele a observava em silêncio. Cansada

demais para reagir, ela voltou para casa e dormiu, como se fosse mais uma noite qualquer.

Corações de Liverpool

Por Antonio de Pádua

As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão.

Drummond, Carlos

Juro que nunca vi algo tão aterrorizante. Até hoje, as mulheres têm medo de andar pelas ruas por causa dele. Há cerca de 10 anos, um assassino em série aterrorizou Liverpool, matando mulheres durante a madrugada. Ele não apenas tirava suas vidas, mas também arrancava seus fígados. Seu nome? Arnold.

Meu primo Harry, um detetive dedicado, foi o responsável por solucionar o caso. No entanto, o que ele encontrou na sala do assassino o traumatizou para sempre: órgãos humanos espalhados, como troféus macabros.

Arnold era médico em um dos hospitais mais caros da cidade. Sua reputação como um dos melhores profissionais era amplamente conhecida, graças à sua simpatia e dedicação. Contudo, alguns pacientes relatavam algo estranho nele, como se sua bondade fosse apenas fachada. Na época, ninguém suspeitava do que ele era capaz.

Tudo começou quando uma jovem foi encontrada morta em um bairro próximo ao hospital. Seu corpo estava aberto, e o fígado havia sido removido. O caso chocou a polícia, mas ninguém imaginava que aquilo seria apenas o início. Com o passar dos meses, os assassinatos se tornaram frequentes. As vítimas eram sempre mulheres, todas mortas da mesma forma brutal. A cidade entrou em pânico, e o medo tomou conta de Liverpool.

Subitamente, os assassinatos pararam. As pessoas tentaram recuperar suas rotinas, mas o alívio durou pouco. Um novo crime foi registrado, dessa vez um sequestro. A vítima era uma mulher

jovem, que desapareceu sem deixar rastros. O caso reacendeu o medo entre os moradores, que passaram a sair de casa apenas quando necessário.

A verdade sobre o sequestro era ainda mais perturbadora: Arnold mantinha a mulher como prisioneira em seu laboratório. Ele planejava usá-la como cobaia em um experimento para transplantes de fígado. Entretanto, durante uma cirurgia de emergência, o doutor foi chamado ao hospital, deixando a vítima sozinha.

Aproveitando a ausência, a mulher usou um canivete que havia escondido no bolso para romper as cordas que a prendiam. Desesperada, ela correu até a delegacia para contar tudo à polícia. Com as informações fornecidas pela vítima, os policiais foram ao hospital e prenderam Arnold diante de todos os funcionários.

Durante a investigação, os oficiais revistaram o laboratório do doutor. O que encontraram ali os deixou horrorizados: evidências claras de que ele realizava experimentos desumanos. Por causa da gravidade dos crimes, Arnold foi condenado à morte e executado publicamente.

A execução trouxe alívio à cidade, mas as cicatrizes do terror que ele espalhou permaneceram. Até hoje, as histórias sobre o Doutor Estripador são recontadas, um lembrete sombrio de que nem todos os monstros vivem nas sombras.

Nova Esposa

Por Gabriel Claudino

As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão.

Drummond, Carlos

O suor escorria pelo meu braço direito enfaixado enquanto eu digitava apressadamente para um cliente que queria consertar um telefone fixo quebrado.

Ao meu lado, “Fura Cadeira” tomava goles de café enquanto divagava sobre viagens que nunca faria. Do outro lado, um homem jogava Fortnite, rezando para não ter um ataque de Tourette.

Minha vida era assim, uma mistura de frustração e monotonia, como um rato preso em uma ratoeira. No fundo, eu sabia que estava num curral com cadeiras idênticas, computadores que mal funcionavam e paredes com cheiro de mofo.

Suspirei. Preferia o tempo em que minha vida era feita de explosões, combates e camaradagem. Naquele tempo, eu tinha Lúcia. Agora, só me restam fotos e vídeos para lembrar dela.

Naquela manhã, entrei na firma com a ressaca habitual. A visão do “pro player” contorcendo-se e da balofa derramando café no colo me fez querer desistir de tudo. Estava decidido a acabar com aquilo. Já imaginava o reencontro com Lúcia no céu...

Mas então, a porta se abriu.

Lá estava ela: loira, olhos azuis, tão viva quanto em meus sonhos.

— Lúcia? — sussurrei, incrédulo.

Ela sorriu.

— Calma, amor. Eu sempre estive aqui.

— Mas... você está morta!

— Morta? Você precisa descansar, João. Estou aqui, com você, como sempre.

Minha mente oscilava entre a razão e a loucura. Nada importava. O que importava era que Lúcia estava viva.

Nos dias que se seguiram, eu me dediquei a ela. Descobri seus trajetos, memorizei suas rotinas, decorei até a quantidade de água que bebia por dia. Tudo pelo bem dela.

Mas meu amor por Lúcia era invejado. Quando “Fura Cadeira” zombou dela, resolvi ajudá-la com o sedentarismo. Levei-a para casa para uma partida de pega-pega... um pouco mais intensa. Já o “pro player”, que ousou criticar as piadas de Lúcia, recebeu minha ajuda para rir melhor. Ambos encontraram novos rumos longe da firma.

Lúcia ficou horrorizada com minha criatividade, mas eu sabia que ela me amava.

Uma noite, enquanto fumava, tive uma ideia: Lúcia e eu devíamos ser um só. Para sempre.

Levei-a para meu apartamento. Lá, preparei um ritual, parecido com os de algumas histórias que eu havia ouvido: velas, fotos e um círculo vermelho no chão. Ela hesitou, mas confiou em mim.

Segurei a faca. Um corte mortal nela, seguido de outro em mim. Nossos dedos ensanguentados se tocaram.

A dor foi indescritível. Formigava, queimava, e então... escuridão.

Quando abri os olhos, tudo havia mudado.

Diante de mim, estavam dois rostos familiares: “Fura Cadeira” e o “pro player”, seus corpos mutilados em um estado surreal. Ao meu lado, uma mulher negra com o mesmo corte mortal me encarava.

“Talvez eu seja louco”, pensei.

E, pela primeira vez, isso parecia fazer sentido.

Chamadas Misteriosas

Por Júlia Gorski

*[...] muitos silêncios são ditos, de forma tão alta
que não são somente audíveis, mas transformadores.*

Ribeiro, Djamila

Eu estava dormindo profundamente quando meu celular tocou. Um número desconhecido. Ignorei e voltei a dormir, achando que fosse engano. Mas, poucos minutos depois, a ligação veio novamente. Irritada, coloquei o telefone no modo "não perturbe" e tentei esquecer.

Na manhã seguinte, acordei atrasada para a escola. Antes de levantar, peguei o celular. Meu coração disparou: 30 ligações não atendidas. Todas do mesmo número estranho.

Assustada, liguei para minha amiga Luana.

— Amiga, algo estranho aconteceu. Recebi 30 ligações de um número muito esquisito.

— Trinta? Quem liga tanto assim?

— Não faço ideia.

— Muito estranho. Tenha cuidado!

À noite, decidida a acabar com aquilo, bloqueei o número. Achei que isso resolveria o problema. Mas, quando estava quase adormecendo, o telefone tocou novamente. O mesmo número. Como isso era possível?

Por um instante, pensei que talvez fosse alguém precisando de ajuda, mas o DDD e os zeros intermináveis não faziam sentido.

Nos dias seguintes, as ligações continuaram. Minhas noites viraram um tormento, até que, sem pensar, atendi.

— Alô?

Uma voz fria e distante respondeu:

— Em nove dias, algo vai acontecer em sua vida.

A linha caiu.

Foram os nove piores dias da minha vida. Não dormia, mal comia. O medo me consumia. Com a sensação de estar sendo observada, escrevi cartas de despedida para minha família e amigos.

Decidida a descobrir quem estava por trás disso, procurei um hacker na internet. Conteí toda a história, e ele prometeu me ajudar.

No nono dia, recebi um e-mail:

Localização da origem das chamadas: Rua das Rosas, casa 692.

Meu corpo gelou. Eu conhecia aquele endereço. Era a casa de Luana!

Corri até a delegacia e entreguei as informações. O delegado me ouviu com atenção. Para minha surpresa, ele revelou que o número já era investigado em um caso relacionado a desaparecimentos e ameaças. Ele prometeu proteção policial.

Dois dias depois, uma notícia chocante apareceu na televisão:

"Jovem de 17 anos confessou dois assassinatos. As vítimas estavam ligadas a chamadas misteriosas."

O rosto de Luana surgiu na tela.

Minha melhor amiga era a assassina.

A Floresta Amaldiçoada

Por Kaio Pereira

*[...] afio cada uma de minhas frases como se afia
a lâmina de uma faca.*

Louis, Édouard

— Socorro! Socorro! Por favor, alguém me ajude! — Joana gritou, a voz ecoando na floresta densa.

— Mantenha a calma! — João respondeu, mas até ele tremia de nervosismo.

Tudo começou com uma viagem que deveria ser tranquila. O carro parou de funcionar no meio de uma estrada cercada por árvores altas e escuras. Michael abriu o capô, mas a frustração no rosto denunciava o óbvio: estavam presos ali.

Sem alternativa, decidiram improvisar. Nicole e Jonas se ofereceram para construir um abrigo na floresta. Enquanto trabalhavam, Jonas congelou ao ouvir um grito estridente.

— Nicole! Você ouviu isso? — perguntou, o coração disparado.

— Não ouvi nada. Deve ter sido o vento — respondeu Nicole, com um sorriso forçado.

Jonas tentou se convencer de que era apenas sua imaginação. Quando Michael e João voltaram, ele correu até eles.

— Onde está Joana? — perguntou, a voz carregada de preocupação.

— Não a vimos. — Michael balançou a cabeça.

— Eu a vi colhendo frutas perto de uma árvore à tarde — disse João.

Jonas quis ir imediatamente, mas o medo o paralisou.

Na manhã seguinte, o desespero o consumiu. Ele implorou para João levá-lo ao local onde Joana havia sido vista pela última vez. Lá, o horror o atingiu como uma facada: Joana estava pendurada em uma árvore, o pescoço envolto por um galho retorcido.

Jonas desabou. Nos dias que se seguiram, começou a ouvir sussurros na floresta, vozes que o incitavam à violência. A loucura tomou conta dele. Na terceira noite, galhos pontiagudos perfuraram seu abdômen, deixando seu corpo abandonado na mata.

Enquanto isso, a tensão entre os sobreviventes crescia. Uma tempestade furiosa os forçou a se abrigarem, mas o vento ameaçava destruir a frágil estrutura.

— O abrigo não vai aguentar! — Nicole gritou.

— Vai sim! Temos que acreditar! — João insistiu, embora a voz trêmula denunciasse seu próprio medo.

Na escuridão, Michael desapareceu. Quando o dia amanheceu, encontraram-no decapitado, cercado por flores e galhos quebrados. Nicole desmaiou ao ver a cena, enquanto João tentava entender o que estava acontecendo.

Com a fome apertando, eles se aventuraram pela floresta em busca de alimento, mas não estavam sozinhos. Os galhos ganharam vida, atacando-os de maneira brutal. Seus gritos foram engolidos pela floresta, que parecia se alimentar do desespero.

No fim, ninguém sobreviveu para contar a história. Apenas o vento assobiava entre as árvores, como um aviso sombrio para quem ousasse se aventurar por aquela floresta amaldiçoada.

Entre a Sabedoria e o Crime

Por Luiz Filho

As pessoas, quanto mais crescem, mais têm medo de tropeçar e cair de suas pequenas alturas.

Carrara, Mariana

Lucas nunca gostou de ir à escola. Futebol era sua verdadeira paixão, e as aulas de português pareciam uma eternidade. Enquanto o professor David explicava regras de gramática, Lucas só conseguia ouvir o tique-taque do relógio, desejando que o tempo passasse mais rápido.

De repente, o diretor Clint Field apareceu na porta da sala.

— Lucas, venha comigo até a diretoria.

Lucas levantou-se contrariado e seguiu o diretor. Assim que chegou, Clint o encarou com seriedade.

— Lucas, encontramos algo suspeito em sua bolsa. Quero que me explique.

— N-não sei do que está falando, senhor — respondeu Lucas, visivelmente nervoso.

Clint pediu a bolsa e, após uma breve busca, encontrou um compartimento secreto contendo drogas.

— Estou decepcionado, Lucas. Você está suspenso por dois dias. Pegue suas coisas e vá para casa imediatamente.

Envergonhado, Lucas saiu lentamente, mas, em vez de ir embora, se escondeu no banheiro. Quando o sino tocou, ele tentou escapar, mas deu de cara com Clint.

— Por que ainda está aqui? — perguntou o diretor, irritado.

Sem saída, Lucas foi para casa, mas, horas depois, foi flagrado jogando futebol no campo da escola. Clint, exausto, decidiu deixá-lo para lidar com outros assuntos.

Naquela noite, enquanto organizava documentos na diretoria, Clint ouviu gritos vindos do corredor. Ao investigar, encontrou Lucas estirado no chão, cercado por uma poça de sangue. Desesperado, chamou a ambulância.

— Eu o encontrei assim! Não sei o que aconteceu! — disse Clint aos paramédicos.

Mas já era tarde demais. Lucas estava morto.

A polícia foi chamada, e, enquanto revisavam as câmeras de segurança, algo chamou a atenção: o professor David corria pelo corredor com uma lâmina pontiaguda na mão.

Os policiais, acompanhados de Clint, foram até a casa do professor. Uma senhora idosa atendeu à porta, mas logo perceberam que era David disfarçado. Ao invadirem a casa, descobriram um porão escondido repleto de corpos de alunos desaparecidos.

Entre os pertences encontrados, havia uma carta explicando os motivos dos assassinatos: uma mistura de vingança contra o sistema educacional e um desejo sombrio de "purificar" a escola.

Clint, atordoado, prometeu garantir que a justiça fosse feita e que a escola nunca mais enfrentasse um horror como aquele.

O Grito

Por Sofia Carvalho

*O começo não passa de interrupção de algo
que já vinha ocorrendo, mas que ainda não tinha
recebido nome.*

Jaffe, Noemi

Enquanto prestava atenção nas trovoadas e nos pingos de chuva que caíam sobre os pedregulhos, escutei um grito. Não era como qualquer outro: parecia carregar terror, medo, dor. Fui até o local do barulho e, ao chegar, me assustei. O som vinha do apartamento 301.

— Espera, Lucas! 301? — exclamou Marco, o porteiro. — É onde o Sr. Beto mora!

— Eu sei, Marco. É isso que me assusta. Sou o vizinho dele e bati na porta para verificar o que era. Ele mesmo abriu, mas estava visivelmente nervoso, gaguejava. Perguntei o motivo de tanta agitação, e ele disse que estava treinando para uma maratona que aconteceria no próximo mês.

— E qual é o problema disso? — perguntou Marco.

— O problema é que, enquanto conversávamos, eu notei algumas coisas estranhas. O apartamento estava uma bagunça: móveis revirados, cadeiras caídas. Vi também uma faca afiada sobre a mesa, manchada de vermelho. Meus batimentos aceleraram. Ao lado da cama, havia dois sapatos de excelente qualidade jogados de qualquer jeito no chão. E, mais além, percebi algo que parecia um braço estirado, também manchado de vermelho. Antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa, o Sr. Beto fechou a porta apressadamente.

— O que está querendo dizer, Lucas?

— Não estou acusando ninguém, mas isso não me pareceu normal. Só estou contando, porque você tem acesso à sala de

segurança. Será que pode verificar as câmeras para garantir que ninguém entrou no apartamento dele ontem à noite?

— Certo, vou dar uma olhada. Mas, por favor, não comente isso com ninguém.

A caminho da sala de segurança, fomos interrompidos pelo próprio Sr. Beto. Ele pediu que falássemos com Dona Elisa, a faxineira do prédio, para limpar seu apartamento. Foi então que tive uma ideia arriscada: entrar junto com Elisa para tentar encontrar alguma pista.

Convencer Dona Elisa a nos deixar entrar foi complicado, mas, depois de insistirmos, ela concordou. Passamos cerca de meia hora vasculhando o apartamento, mas não encontramos nada. Durante esse tempo, percebi que Elisa desapareceu por alguns minutos. Quando voltou, já estava terminando seu trabalho, e decidimos sair antes que alguém percebesse nossa presença.

— Nada, Lucas. Não encontramos nada. Talvez o Sr. Beto seja mesmo confiável, como todos dizem.

— Ou talvez seja isso que ele quer que pensemos, Marco.

Mas Marco desistiu de ajudar. Agora, eu estava sozinho nessa busca por respostas. Passei os dias seguintes observando cada passo do Sr. Beto. Nada parecia suspeito: ele fazia compras cedo, participava de reuniões comunitárias, passava um tempo no jardim à tarde e, à noite, permanecia em casa até o dia seguinte.

Na terça-feira, enquanto lia o jornal, me deparei com uma manchete intrigante: **“Júlio César, empresário envolvido em contrabando, é encontrado morto na tarde desta segunda-feira.”**

Corri até Marco.

— Marco, lembra-se do grito que ouvi na sexta-feira à noite? Lembra do homem que vi no chão do apartamento do Sr. Beto?

Ele estava usando roupas caras, e agora estou quase certo de que era Júlio César. Menos de uma semana antes disso, eu atendi uma pessoa na portaria enquanto você estava fora. O nome dele era Júlio César, e ele veio visitar o Sr. Beto.

Marco franziu a testa.

— Essa é uma acusação séria, Lucas. Tem certeza de que era a mesma pessoa?

— Não posso ter certeza, mas tudo indica que sim.

— Vou te dar a chave da sala de segurança. Olhe as gravações e veja se o homem que entrou no prédio é o mesmo do jornal.

Na sala de segurança, analisei as imagens e, para minha surpresa, elas confirmavam tudo: Júlio César esteve no apartamento do Sr. Beto. De repente, me veio uma ideia assustadora: o Sr. Beto não agiu sozinho. Mas quem teria ajudado? Lembrei-me de Dona Elisa e de seu comportamento estranho no dia da limpeza. Quando ela desapareceu, poderia estar escondendo algo no carrinho de roupas sujas.

Fechei o computador e trancava a sala quando senti alguém atrás de mim. Virei-me e dei de cara com o Sr. Beto.

— Muito esperto, Lucas — disse ele, com um sorriso sinistro. — Mas nunca se esqueça: sou louco, mas não o bastante para deixar você descobrir tudo e sair ileso.

A verdade por Trás da Morte

Por Arthur Nogueira

*"[...] escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós."*

Evaristo, Conceição

– Alguém me ajude! – gritava uma mulher desesperada.

– Senhora, o que aconteceu? – perguntou um policial, aproximando-se.

– Meu marido... Ele está morto! – disse a mulher, as palavras trêmulas.

– Tudo bem, senhora, por favor, se acalme. Vou chamar o nosso melhor detetive.

Pouco tempo depois, Gabriel, conhecido por solucionar os casos mais difíceis, chegou à cena.

– Olá, senhora. Qual o seu nome?

– Maria.

– Você notou alguém estranho entrando em sua casa?

– Não. Apenas o melhor amigo do meu marido, Jean, esteve aqui.

– Entendi. Havia algum problema entre eles?

– Sim... Eles brigaram feio na noite anterior.

Gabriel anotou as informações e agradeceu. No dia seguinte, ele voltou à casa do casal para examinar a cena do crime. Lá, encontrou Rafael, seu colega de equipe.

– Alguma pista? – perguntou Gabriel.

– Encontramos uma arma com digitais de um homem chamado Jean Nóbrega Pinto – respondeu Rafael.

– Jean? Onde ele está?

– Não sabemos. Procuramos pela cidade inteira, mas não há registro recente dele.

Gabriel ficou frustrado. Ordenou que continuassem as buscas por Jean. Contudo, dias depois, o corpo dele foi encontrado. Surpreendido, Gabriel decidiu informar Maria, mas ela havia desaparecido. Durante semanas, os detetives buscaram por Maria até que, perto do local onde o corpo de Jean fora encontrado, descobriram pegadas.

Seguindo os rastros, chegaram a uma casa abandonada. Lá dentro, móveis velhos e quebrados espalhavam-se pelo lugar. No fundo, encontraram uma porta secreta que levava a um porão. Para sua surpresa, o porão era uma sala repleta de armas. De repente, ouviram um barulho alto vindo do andar de cima. Alertas, subiram as escadas com cuidado.

– Maria? – chamou Gabriel. – Está aqui? Foi você quem matou Albert e Jean?

– Talvez tenha sido – respondeu Maria, com uma voz sussurrante e sarcástica.

– Você não vai escapar disso – afirmou Gabriel.

– Será mesmo? – rebateu Maria, com um sorriso maligno.

Nesse momento, Rafael surgiu por trás dela, imobilizando-a e tapando sua boca. Quando Gabriel e Rafael tentavam levá-la para a delegacia, um homem desconhecido apareceu. Ele saltou de uma árvore próxima com uma faca em mãos e, sem hesitar, apunhalou Gabriel.

Rafael, abalado pela morte repentina do colega, entrou em choque. Nesse instante de hesitação, Maria e seu cúmplice, o assassino Léo Jardim, fugiram para longe.

A Vida Perfeita

Por Ana Isabel Matias

"[...] muitos silêncios são ditos, de forma tão alta que não são somente audíveis, mas transformadores."

Ribeiro, Djamila

Tudo o que Kat havia planejado para o dia tinha, de alguma forma, dado errado. E quando digo tudo, é tudo mesmo.

Primeiro: uma de suas três melhores amigas, que sempre viajavam juntas, contraiu um vírus e não poderia viajar naquele verão. Segundo: seu jato particular — presente de seus pais em seu sweet sixteen — havia quebrado "misteriosamente" quatro dias antes da viagem. Agora, a família teria que viajar num avião "comum", com menos exclusividade e privacidade. Para piorar, as restrições de bagagem significavam que Kat não conseguia incluir sua chapinha na mala.

— Vamos, querida! — chamou a senhora Coltan, mãe de Kat, aos pés da escada, segurando quatro bolsas Gucci.

Kat suspirou, finalmente conseguindo fechar sua mala, e desceu as escadas com a postura impecável de sempre. Antes, conferiu sua maquiagem no espelho do hall, corrigiu um borrado no canto da boca e sorriu. Ela desfilou até a porta com a mãe, ambas carregando bolsas. As outras malas foram levadas pelos empregados. Por fim, despediram-se da mansão Coltan e entraram na Lamborghini preta estacionada na entrada.

Era um dia comum na vida de Kat Coltan. Na verdade, era um dia comum para qualquer membro da família Coltan. Donos de uma das maiores fortunas dos Estados Unidos, os Coltan viviam sem qualquer modéstia. Loiras, bonitas e inteligentes, Kat e sua família tinham a vida perfeita.

Todo verão, Kat passava as férias em uma ilha particular da família, levando três amigos e seu namorado, Robin. Mas, como uma das amigas não poderia ir naquele ano, seriam apenas dois amigos e ele.

Ah, Robin. O que dizer sobre ele? Rico, bonito, popular, inteligente e gentil. Gentil demais para alguém como Kat. Mas, quando estavam juntos, ela deixava de ser a menina esnobe, mandona e patricinha. Kat mudaria tudo por ele. Daria toda sua fortuna para viver ao lado dele.

A Última Memória

Ao chegar à ilha, o grupo seguiu de barco até a montanha mais alta, um local reservado onde costumavam se reunir todos os anos. O cenário era deslumbrante: areia dourada, coqueiros balançando ao vento e o mar esverdeado ao fundo.

Robin estava lá, esperando com as amigas Viv e Morgana. Assim que viu Robin, Kat correu para abraçá-lo. Eles se olharam, e Kat sorriu. Ela sentia o braço dele ao redor de seus ombros e pensava que aquele seria o verão mais perfeito de sua vida.

Mas essa seria sua última memória daquele dia.

O Acidente

Quando Kat acordou, não estava mais na montanha, nem com Robin, nem com ninguém. Sua visão estava embaçada, e ela sentia uma dor latejante na cabeça. Tentou levar a mão ao local, mas percebeu que havia algo preso ao seu pulso: uma pulseira com números. O movimento brusco fez as máquinas ao seu redor apitarem.

O cheiro de álcool e de desinfetante aromatizado com limão fazia seu estômago revirar. Ela tentou gritar, e sua mãe entrou correndo no quarto.

— Katrina! — disse a senhora Coltan, soluçando. — Graças a Deus, você acordou!

— Onde eu estou? O que aconteceu?

A mãe demorou um pouco para responder. Seus olhos inchados e expressão cansada indicavam que havia chorado por horas.

— Kat... — ela começou, hesitante. — Você vai precisar ser forte...

Antes que pudesse continuar, Hannah, a irmã mais nova de Kat, entrou no quarto.

— Vou direto ao ponto. Vai ser melhor assim — disse Hannah, fria. — Robin está morto.

As palavras atingiram Kat como um soco. Ela se levantou da cama, ignorando as agulhas conectadas ao seu braço. Tremendo, ela cobriu o rosto e desabou em lágrimas.

Cinco Meses Depois

Desde o acidente, Kat havia perdido as memórias daquele verão. Tudo o que sabia era que Robin havia sido encontrado morto, com uma pedra na cabeça e um celular na mão. O mesmo celular que agora estava com Kat.

Naquela manhã, sua mãe insistiu para que ela olhasse o celular, dizendo que poderia ajudar na recuperação de sua memória e na investigação policial. Relutante, Kat cedeu.

Ao desbloquear a tela, viu uma foto dela e de Robin, tirada no pôr do sol. A lembrança trouxe lágrimas aos seus olhos, e ela correu para o banheiro para chorar em silêncio.

Dentro do celular, algo chamou sua atenção: uma foto aparentemente comum de Robin usando uma pulseira colorida, semelhante à que ela usava no hospital. Ao analisar a imagem, Kat percebeu um número nas miçangas da pulseira: 4458359676120.

Determinada, Kat começou a investigar. Pesquisou o número na internet e descobriu que ele estava ligado a um código de barras de um produto de maquiagem. A pista a levou a um esconderijo no antigo quarto da empregada da família.

Lá, encontrou um vestido branco ensanguentado e uma carta selada com o brasão da família de Robin.

A Verdade Sombria

A carta revelava uma verdade devastadora:

*"Querida Kat,
Se você está lendo esta carta, é porque estou morto. Não quero que você se esqueça de três coisas:
Seja boa.
Nada é o que parece.
Eu te amo mais que o mar ama a terra."*

Enquanto lia, Kat ouviu uma risada às suas costas. Era Hannah.

— Ora, ora... — disse Hannah, segurando uma arma. — Vejo que você encontrou o vestido. O vestido que usei para matar Robin.

Kat mal conseguia acreditar.

— Mas... por quê? — perguntou Kat, gaguejando.

— Porque você sempre teve a vida perfeita, irmãzinha — disse Hannah, com um sorriso frio. — E eu só queria um pedaço dela.

A Porta da Meia-Noite

Por Nicole Asfury

“Criatividade é inventar, experimentar, crescer, correr riscos, quebrar regras, cometer erros e se divertir.”

Mary Lou Cook

Acordei com um frio na espinha, com a sensação de que alguém estava me observando. Sem conseguir pegar no sono novamente, levantei para ir ao andar de baixo. Enquanto descia a escada, olhei para a parede, agora vazia, que antes tinha fotos e recordações de família. Agora, era como se nada tivesse acontecido. Histórias, lembranças... Era como se todos tivessem se esquecido.

As badaladas de um antigo relógio cuco interromperam meus pensamentos de preocupação, que logo voltaram. Olhei pela janela que dava para o jardim, tentando afastar esses pensamentos. Com um susto, não consegui acreditar no que via. Tinha que haver uma explicação! Talvez fosse uma ilusão causada pela falta de sono, mas eu nunca havia me sentido tão acordada quanto agora.

Não era possível. Meus olhos estavam me pregando uma peça. No jardim, lá estava uma grande porta de madeira entalhada que eu nunca havia visto. A curiosidade me venceu. Fui até a porta dos fundos e a abri. O ar frio da noite me fez tremer. Ou será que era medo e empolgação? Não dava para distinguir.

E lá estava eu, diante daquela porta magnífica. Sinceramente, eu não sabia o que esperar. Era só uma porta comum que parecia dar para o nada. Não... Era diferente! Alguma coisa me encantava nela, e eu não sabia o que era, mas iria descobrir.

Dei alguns passos para frente e toquei levemente a maçaneta. O frio do metal atravessou meu corpo como um raio, me fazendo estremecer. Um medo repentino me fez vacilar e pensar duas vezes. Mas não havia o que pensar: eu precisava agir. Empurrei a porta e percebi o quanto era pesada. Ela rangeu com um som frio e estridente, como o canto de uma gralha.

Dentro dela havia um breu tão grande que eu não consegui ver um palmo à minha frente. Fui tateando aquele caminho desconhecido. A minha única fonte de luz era a fresta da porta. Mas ela foi se esvaindo lentamente, e foi quando percebi que a porta estava se fechando atrás de mim. Corri até ela, mas era tarde demais. Toda a luz daquele lugar já tinha se apagado.